ILUSTRAÇÃO

Dezembro-1932 N.º 23—7.º Ano Preço-5 esc.

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Sciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — DA TERRA À LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.

2 — À RODA DA LUA, 1 vol.

3 — A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.

AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.

7 — AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol.

8 — VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.

OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas.* 1 vol.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar.* 1 vol.

A ILHA MISTERIOSA:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

MIGUEL STROGOFF:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O PAIS DAS PELES:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.

22 — AS ÍNDIAS NEGRAS, 1 vol.

HEITOR SERVADAC:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — O DOUTOR OX, 1 vol.

UM HERÓI DE QUINZE ANOS:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.

29 — OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.

30 — ATRIBULAÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.

A CASA A VAPOR:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A JANGADA:

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.

42 — O RAIO VERDE, 1 vol.

KÉRABAN, O CABEÇUDO:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*
44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — A ESTRÊLA DO SUL, 1 vol.

46 — OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO, 1 vol.

MATIAS SANDORFF:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — O NÁUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.

51 — O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.

52 — ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.

NORTE CONTRA SUL:

53 — 1.ª parte — *O ódio de Texar.* 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça!* 1 vol.

55 — O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.

DOIS ANOS DE FÉRIAS:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

FAMÍLIA SEM NOME:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Joan.* 1 vol.

60 — FORA DOS EIXOS, 1 vol.

CÉSAR CASCABEL:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente.* 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo.* 1 vol.

A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:

63 — 1.ª parte — *A procura dos náufragos.* 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.

66 — EM FRENTE DA BANDEIRA

A ILHA DE HÉLICE:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.

A ESFINGE DOS GÊLOS:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.

O SOBERBO ORENOCO:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.

76 — OS NÁUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.

77 — OS NÁUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.

78 — A INVASÃO DO MAR, 1 vol.

79 — O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª
Editor: Francisco Amaro
Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colonias	—	63$00	126$00
(Registada)	—	67$50	135$00
Brasil	—	66$00	132$00
(Registada)	—	75$00	150$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	84$00	168$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Conselhos práticos

BRONZAGEM DO COBRE EM CASTANHO

Para obter uma côr acastanhada do cobre, bastará mergulhar os objectos que se querem bronzear numa solução de cloreto de ferro, deixar secar e recomeçar novamente, se a côr que se deseja não é a obtida á primeira vez.

Acaba de saír

NOVA EDIÇÃO do curso de francês para o 1.º e 2.º anos dos liceus

LE PETIT ÉLÈVE DE FRANÇAIS

1 volume cartonado . . . 8$00

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos à Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30$00

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

A Auto Escala

indica a V. Ex.as a estação que quere ouvir. Esta escala é uma das muitas novidades do

TELEFUNKEN
SUPER 650

Alem disso o aparelho contém:

Regulação automatica de Fading
Separação automatica de ondas
Regulação automatica de som
Antena automatica do sector
Redutor automatico de ruidos

TELE FUN KEN

Representantes para Portugal e Colonias

LISBOA
R. dos Fanqueiros
12/16

AEG

PORTO
R. Sá da Bandeira
215

PEDIMOS TAMBEM AOS SNRS. REVENDEDORES PARA SE DIRIGIREM AO ENDEREÇO ACIMA MENCIONADO. PROCURAMOS AGENTES ACTIVOS

Queiram preencher o talão abaixo e enviá-lo, sem o menor compromisso a:

SOCIEDADE LUZITANA DE ELECTRICID DE AEG
LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 12-16, 3.º (Secção Rádio)

Queiram enviar-me, sem compromisso para mim, folhetos de..... .....
....
e peço uma demonstração do aparelho. ....
.....
Nome ....
Morada .....
Localidade..... *Telefone N.º*.....

DOCES E COZINHADOS

O livro de cosinha de maior utilidade

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas
Esc. **25$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' VENDA EM TODAS AS BOAS LIVRARIAS

A 2.ª EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 Volume de 262 páginas
brochado Esc. 10$00
encadernado » 14$00

PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75–LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado . . **12$00**
Encadernado . . . . . **16$00**

PEDIDOS Á
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTISSIMO LIVRO DO POPULAR

AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10$00**

Á venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig, Cantani* e *Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, **7$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

DICIONÁRIO
DO
Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**

Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cêrca de 100 págs. . . . . 7$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

A' venda a 3.ª edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado. . . . **12$00** / encadernado . **16$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á
LIVRARIA BERTRAND
73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERARIA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA
ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imprescindiveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10$00

IMPORTANTE: — A partir de 1 de Janeiro de 1933 a HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, **só será vendida em volumes.**

Cada volume, encadernado em percalina 160$00
" " " " carneira 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR
ou
O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. ..... Esc. 30$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . **10$00**
encadernado . **14$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estojo com 7 amostras* **14$00,** *pelo correio* **15$00** — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á **Academia Scientifica de Beleza** — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

Fóra com as dôres!
CAFIASPIRINA

livra de dôres
e restabelece
o bem estar.

Os incomodos já não me metem mêdo desde que conheço a CAFIASPIRINA!

Não prejudica o coração nem os rins!

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND, LTD.ª, RUA GARRETT, 73 E 75 — LISBOA

N.º 23 — 7.º ANO

1 - DEZEMBRO - 1932

Crónica da Quinzena

ALTAMENTE representado veio até nós o Brasil numa visita forçada por circunstancias de ordem social. Um academico ilustre, politicos de apurado sentido, e jornalistas de firme notoriedade, compõem esse grupo.

Bemvindos sejam!

A nossa Saudação cordealissima não distingue pormenores; é uma Saudação de velha amizade enrraizada entre dois povos que se querem — porque sempre se quizeram.

Querer ou amar de verdade não constitue um sintoma passageiro...

Podem tentar desvial-os elaborando surdas campanhas — como aquelas mesquinhas intrigas de visínhança, cochichadas ao ouvido do circunstante malprecavido e atencioso; podem, tambem, insinuar pequeninas perversidades atravez da imprensa, ou atravez de outro qualquer sentir de aspecto largamente colectivo que, entre as duas nações irmãs e amigas, — Portugal e Brasil! — jamais deixará de vibrar o sentimento profundo e alevantado de uma estreitissima compreensão espiritual — que é afinal a unica que peza nas almas e nos povos.

Que importam as escaramuças do dinheiro, os destemperos invariaveis e quixotescos da política, o atropêlo febril de comodidades e honrarias, a caça ao posto mais fôfo, à distínção mais luminosa, — se o coração de uma raça têm movimentos secretos e desconcertantes — adentro do próprio ritmo vital? — Movimentos que fogem às maquinações do «arrivismo», do «fim determinado», da cubiçada condição monetária. Sim, não é possivel desvirtuar a base imponderável dos sentimentos.

Quantas vezes a palavra, — e até o gesto, mascaram, *honestamente*, a tendência mais impercetivel, o apêgo menos violento — o impulso mais íntimo e subtil.

E já repararam que de um povo há sempre alguma coisa que fica misteriosamente inviolavel? — a sua essência. Pódem compreender o seu carácter, entender os seus homens, amar a sua arte; porém, se tentarem conhecer a sua essência, êsse esfôrço resultará sempre inútil. A essência de um povo está como que defendida por uma barreira de cristal: — poderá pressentir-se, quando muito...

*

O Brasil mereceu sempre a Portugal a maior e a mais viva simpatia. Todo o seu enormíssimo desenvolvimento colonial, — o seu comércio, a sua agricultura. — Da rasgada expansão das suas cidades, ao modernismo equilibrado dos seus monumentos; da arquitetura variada e Americana de alguns edifícios — a par de uma literatura opulenta, sentimental, — por vezes típica — ao luxo parisiense das suas mulheres, déram-lhe a justa categoria de Nação Imperial na vanguarda dos países que mais progridem na civilização e no avanço...

*

E agora que tanto se fala em inter-câmbio luso-brasileiro, — como se Portugal e Brasil algum dia estivessem desligados ou distantes! — Agora que, volta e meia, se insiste numa aproximação mais latente e mais constante — como se Portugal e Brasil não estivessem ligados pelo sangue e pela vida, — chegou o momento de afirmar-mos que é preferivel saber abrir os braços num abraço de confôrto e de amizade a agitar a bandeira simbólica dos devaneios desnecessários.

O verdadeiro inter-cambio está no coração. Mas se êle ahi não estiver, tambem não está nos comicios...

Dizia um grande e infortunado propagandista republicano que a *história* dos inter-cambios serve apenas para complicar um sentimento bem nascido e bem formado.

Nessa apregoada cruzada do «é preciso fazer assim», «é necessario proceder assado», lucram apenas alguns — o que já é consideravel, segundo a nossa opinião. Quando a função do inter-cambio parte do Estado, e não de um grupo quasi sempre disperso de individuos subordinados a esta ou áquela miragem, pode muito bem ter o louvavel desejo de uma aproximação mais popular e acertada sobre determinados factores de garantia comercial e intelectual. E só o Estado pode, capazmente, manter em aprumo e em finalidade os variados desiquilíbrios de uma empreza particular que, quasi sempre, se alteia e manifesta no campo interminável do interesse pessoal.

*

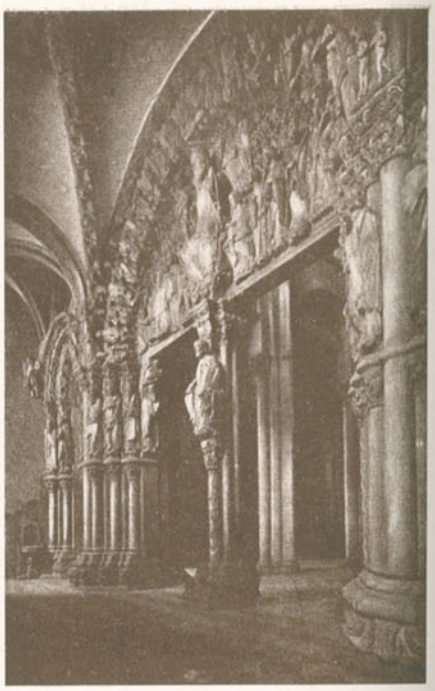
Orientar os nossos passos, não é menos importante do que saber orientar as nossas idéas e ações. Delas nos vem o respeito ou o desprezo dos outros. Por elas se avalia a nossa existencia, o nosso valor, e a nossa capacidade de homens que sabem desejar o que querem e construir o que desejam.

E sempre que ao cabo de trabalhos, de sacrificios, de lutas, — podemos sentir a intraduzivel alegria de ver fortificar esse esforço, patrioticamente envolvido numa humanissima propaganda de serviços, acabamos por merecer — ainda que nada nos dêem, — todo o direito á nossa vida, legitimamente vivida.

*

E terminamos esta breve Saudação ao Brasil afirmando que em nós, — vencidos ou vencedores, encontram sempre o mesmo leal acolhimento, a mesma inalteravel simpatia, e o mesmo abraço fraternal e amigo.

A MARAVILHA DO MESTRE MATEUS



Na minha última visita a Santiago de Compostela, estudei melhor, e, portanto, admirei ainda mais convictamente o belo Pórtico da Glória, de mestre Mateus.

Não venho, decerto, dizer aos meus leitores, que o sabem tão bem como eu, o que é essa jóia do românico auvernhês, êsse maravilhoso narthex povoado de imagens, síntese luminosa do pensamento católico medieval, verdadeira ilustração, em pedra, da *Suma Teológica* de S. Tomás, sem dúvida o monumento supremo da mais célebre das cidades sagradas, depois de Roma e de Jerusalém. O meu propósito é, apenas, o de transmitir a quem me lê, numa conversa amável, o que pensei durante as longas horas de contemplação — ia dizer de convivência — passadas diante das setenta e duas figuras, palpitantes de vida, que ornam as colunas, as arquivoltas e o tímpano dêsse incomparável Pórtico, o mais belo de tôda a arquitectura românica e uma das mais puras expressões daquela perfeita unidade, daquela austera harmonia que constituem a maior fôrça e o esplendor máximo do génio cristão.

É preciso distinguir, na admiração que nos merece o Pórtico da Glória, a concepção, obra de um teólogo, e a tradução dessa concepção em imagens — a realização — obra, naturalmente, de um artista. Os historiadores e arqueólogos de arte que se têm ocupado da catedral compostelana, e, em especial, do seu narthex surpreendente, são quási todos de opinão (pelo menos, os galegos) que o artista que executou o Pórtico foi o mesmo que o concebeu; quer dizer, que mestre Mateus não deve ser considerado apenas um grande escultor, mas um teólogo e um poeta de génio. Parece-me talvez errado êste critério. As catedrais românicas ou góticas eram fundamentalmente, na sua arquitectura, na sua pintura e na sua imaginária, expressões materiais, formas visíveis dos dogmas. A interpretação escolástica dêsses dogmas, o seu comentário simbólico, não pertenciam de modo algum aos artistas, aos laicos humildes do cinzel e do escopro, a quem a Igreja não permitia o luxo intelectual de ter opiniões em matéria teológica ou filosófica». *Les imagiers* — diz Reinach — *n'étaient libres que pour le choix des décorations insignifiantes; pour tous les sujets réligieux ou profanes qu'ils traitaient, les clercs, c'est-à-dire l'Église, guidaient leurs mains.*» O programa iconográfico das grandes catedrais provinha da subtil dialética dos doutores e não da livre imaginação dos artistas que os executavam, por mais ilustres que êles fossem. Sem dúvida, no Pórtico da Glória o programa é notável de opulência e de clareza, de equilíbrio e de lógica; segue-se sem esfôrço — por vezes melhor do que em Chartres, miens ou Reims — o pensamento do teólogo na interpretação das imagens e dos símbolos, no desenvolvimento harmónico da tipologia apostólica e profética; só um espírito vigoroso e profundo, flutuando entre o panteismo místico de Scoto Erígenes e a luminosa ortodoxia do *Proslogium*, de Anselmo de Cantorbery, poderia ter renovado tão eloqüentemente, nessa maravilhosa síntese de pedra doirada, a prova ontológica da existência de Deus: «se eu o pude conceber assim, é porque Deus, realmente, existe». Nada prova, porém, antes pelo contrário, que êsse espírito superior fosse o de mestre Mateus. A concepção do Pórtico pertence, talvez, aos arcebispos Suarez d'Eça ou Pedro Gudesteiz. Mas, que valeria ela — simples esbôço dogmático de doutores — se o génio de mestre Mateus, «o Nicolau de Pisa da Europa ocidental» (François Michel), a não tivesse convertido em imagens, realizando êsse prodígio de inspiração e de técnica que é o Pórtico de Santiago, «obra incomparável da estatuária românica», no conceito de Marcel Dieulafoy, «glória suprema da arte católica», na justa expressão de Edmond Street?

O que mais me impressiona na obra de mestre Mateus — e o que surpreende todos aqueles que, conhecendo um pouco a estatuária do século XII, vejam pela primeira vez o Pórtico da Glória — é o que há de «novo» nas atitudes, no movimento, na expressão, no carácter das figuras, especialmente as que povoam o tímpano, as que ocupam a larga arquivolta do arco central (os vinte e quatro velhos do Apocalipse), a que se senta na coluna torcida do mainel (o apóstolo Santiago), as figuras adossadas às colunas dos pilares intermédios (colégio profético e apostólico), e as encantadoras imagens de Judite e de Ester, que recordam, pela graça penetrante, pelo sorriso subtil — pelo menos uma delas — a «Virgem Doirada» de Amiens, a *soubrette picarde*, como lhe chamou Ruskin. Ao contrário do que sucede na imaginária românica, dura, hirta, convencional, inspirada nos miniaturistas e nos eburnistas bizantinos, tôda ou quási tôda a iconografia do Pórtico está impregnada de um saboroso e forte naturalismo; os apóstolos, os evangelistas, os profetas, os velhos músicos da visão apocalíptica palpitam de humanidade e de vida interior; há flexibilidade de movimentos em quási tôdas as figuras dessa vasta composição executada — quem o diria? — de 1168 a 1188; e a não ser o Cristo que ocupa o centro do tímpano (e que, embora superior em nobreza aos de Sahagún, de Moissac ou da catedral de Cahors, é uma transplantação dos Cristos em majestade dos velhos mosaicos e das iluminuras dos Evangeliários proto-mudéjares), nada nos recorda, nas esculturas do Pórtico da Glória, êsses manequins hieráticos e solenes, simples reprodução de imagens fixadas, que povoam, em França e em Espanha, as colegiadas e as catedrais do mesmo período românico clunisiano. As figuras de mestre Mateus vivem. O grande imaginário não se limitou a ilustrar, com o frio dogma da imagem o dogma da escritura: criou sêres humanos; copiou, sem dúvida, modelos vivos; e — precursor genial — tendo terminado a sua obra antes do fim do século XII, deixou-nos, nêsse duro granito animado por um sôpro divino, as primeiras centelhas do clarão ainda longínquo da Renascença.

Eu não sei — e ninguém sabe — se mestre Mateus era galego. Ferreyra e Vidal Rodriguez, nos seus notáveis estudos sôbre o Pórtico, dizem-nos que, se o estatuário da «Glória» não era filho da Galiza, pelo menos viveu em Compostela, de 1161 a 1217, quere dizer, durante cinqüenta e seis anos, devendo ter morrido muito velho, porque em 1161 já dirigia as obras da ponte romana de Cesures, perto de Santiago, e em 1168, quando Fernando II de Leão, de visita à cidade, autorizou o arcebispo Gudesteiz a cunhar moeda, já era mestre das obras da catedral jacobea. Portanto, ainda mesmo que mestre Mateus tivesse sido um dêsses muitos moços escultores da escola de Tolosa, atraídos pelo esplendor e pelo prestígio europeu da urbe apostólica — o que não me repugna acreditar, dadas certas modalidades da sua técnica de dominador do granito — o que é certo é que a larga permanência do mestre na Galiza o identificou tanto com o espírito, com a sensibilidade e com os costumes da sua segunda pátria, que o podemos considerar galego, mais do que pelo berço, — pelo coração. Com efeito, essa consubstanciação sente-se bem na obra maravilhosa de mestre Mateus: o Pórtico da Glória está impregnado de galeguismo, e as suas figuras são, pelo suave espírito que as anima, caracterizadamente galegas. Estamos, pois, perante um monumento que, sendo universal pelo seu alto significado católico e pela sua reputação como obra-prima da arte românica, é, entretanto, essencialmente regional pela expressão, pelo sentimento, pela psicologia — digamos assim — da humanidade de pedra que nele vive. Foi êste

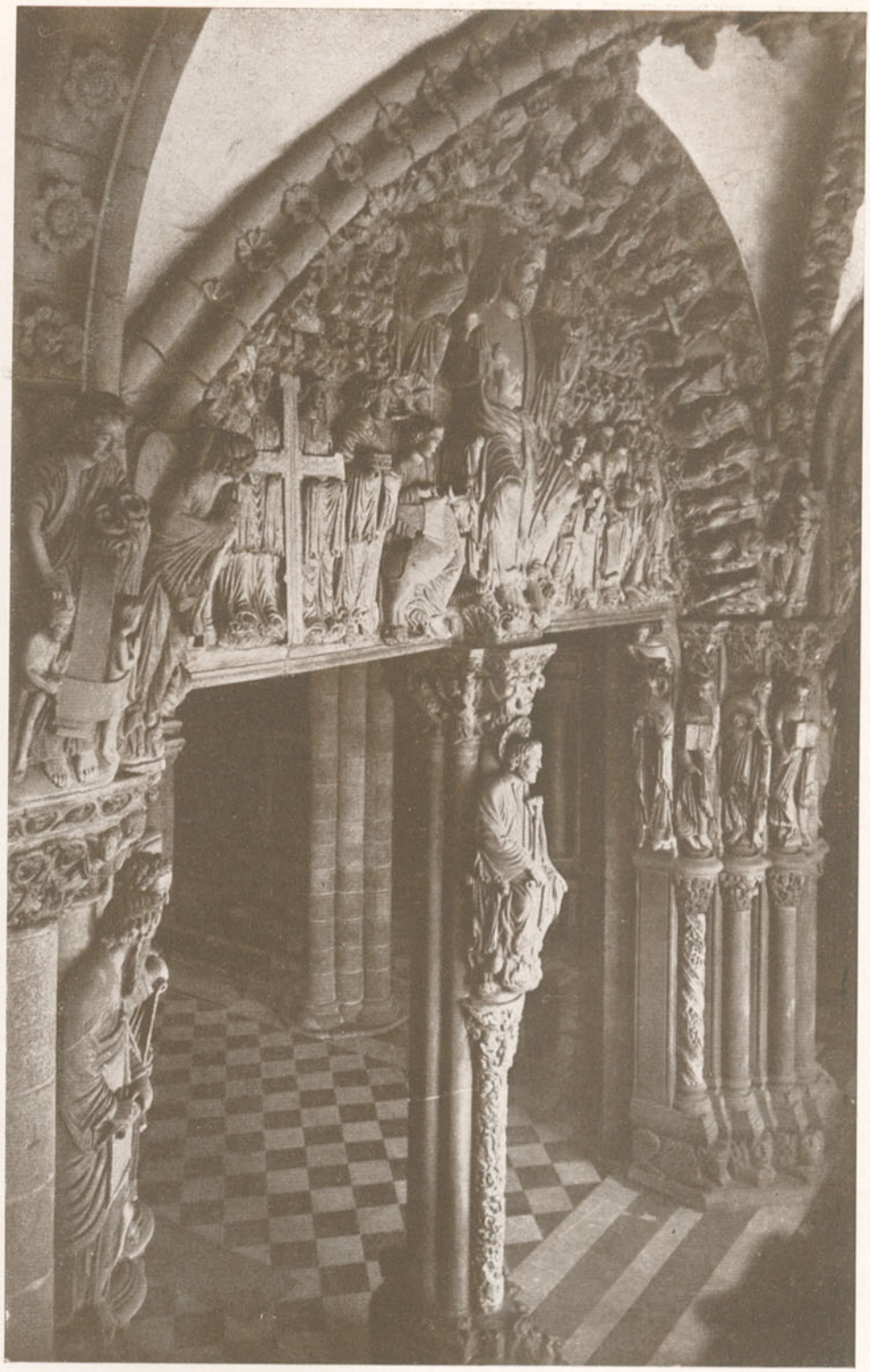
aspecto da obra de mestre Mateus que especialmente me interessou. Compreendi bem, então, o sentido destas palavras por mim lidas há tempo numa das revistas da «Irmandade da Fala», palavras que transcrevo na dôce língua de Rosalia: «*Galego, si ainda nom es ben galego, vai-te ao pórtico da groria e satura-te de galeguismo.*»

Na realidade, a fisionomia dos apóstolos, dos evangelistas e dos profetas que ornam o célebre pórtico de Santiago, não apresenta a expressão dura, contraída, austera, por vezes dramática, que caracteriza a iconografia das catedrais e colegiadas rômanicas, e mesmo góticas, de Espanha. Não são figuras representativas duma religião de violência e de dôr, — mas de doçura, de indulgência e de paz. Há, em tôdas elas, uma serenidade que impressiona; um poder de comunicabilidade e de atracção, que eu considero peculiares da escultura hierática galega. Sentimo-nos bem a olhá-las, e custa-nos a desprender da sua influência acolhedora. Dificilmente se encontrará na imaginária doutras catedrais expressões fisionómicas como as de S. Pedro e de Jeremias, impregnadas de suave gravidade; como as de S. Paulo e de S. Marcos, cheias de bondade inteligente; como a de Moisés, admirável de complacência e de bonomia; como a de Santiago, subtil, fina, insinuante, benévola. As longas barbas intonsas e mosaicas não conseguem endurecer aqueles rostos iluminados duma doçura puramente galega. Muitos dêles sorriem: Daniel, face glabra de efebo, com alegria juvenil; S. João Evangelista, moço também, com discreta afabilidade; Abacuhc, o profeta, com aguda subtileza; Ester, a rainha, com infinita graça. Tôda a população de pedra do Pórtico da Gloria parece tranquila e satisfeita. E, o que é mais inte essante, todas estas figuras convivem. Em vez de se manterem num isolamento concentrado e hostil, como as imagens sombrias, quási trágicas, dos pórticos de Santo Izidoro de Leão ou de S. Vicente de Ávila, da catedral de Zamora ou da Câmara Santa de Oviedo, as figuras de mestre Mateus, pelo contrário, comprazem-se na convivência e na sociabilidade. Jeremias conversa com Daniel, Isaias com Moisés, Malaquias com Ezequiel, S. Tomé com Santiago Menor; e adivinha-se, nos seus colóquios sôbre os mistérios e os dogmas, que todos êles vivem no mais afectuoso acôrdo. Os vinte e quatro velhos do Apocalipse que, sentados nos coxins de granito da arquivolta central, vestidos de túnicas brancas e coroados de oiro como na visão de S. João, tangem as suas cítaras, os seus saltérios e as suas harpas, não se isolam também, à semelhança dos músicos apocalípticos das miniaturas medievais e dos frescos, aliás admiráveis, de San Martin de Fenoillar; sorriem, enlevam-se nas suas melodias arcáicas, e conversam dois a dois, como bons amigos. Vive-se em família, no Pórtico da Gloria; e êsse convivio de estátuas constitue a mais perfeita expressão da alma galega, eminentemente fraterna, acolhedora e sociável. O povo tem razão quando afirma que as figuras do Pórtico de mestre Mateus são «santos galegos»; tão galegos, na verdade, que se àmanhã, por impossível, essas imagens proféticas e apostólicas se animassem, eu estou certo de que elas falariam a mesma língua, galega e portuguesa, em que D. Deniz cantou o «verde piño» e Afonso, o *Sábio* — desventurado Rei Lear — o místico «rosal das cinco rosas»...

A última vez que visitei o Pórtico da Gloria, declinava já o sol. Um clarão flamejante entrava pelas largas fenestragens da fachada do Obradoiro, e projectava-se, em labaredas fulvas de incêndio, sôbre a opulenta arquitectura daquele narthex perante o qual, nas peregrinações jacobeas, passaram, deslumbrados, sete séculos de fé e de exaltação católica. A luz escorria, como oiro fluído, como lava ardente, pelas máscaras, pelos cabelos, pelas roupagens, ainda vagamente policromadas, das esculturas de mestre Mateus, emprestando à pedra morta a côr, a palpitação, o frémito da vida. Pareceu-me, por momentos, que as túnicas oscilavam, que as mãos se moviam, que se descerravam, para falar, os lábios de todas aquelas estátuas. O sol e o génio de um imaginário medieval colaboravam no efeito dessa ilusão surpreendente. Uma melodia de violino, vinda do côro da basílica, deu-me a inquietante impressão de que os velhos do Apocalipse, senis e risonhos, faziam vibrar as cordas das suas cítaras de pedra. «*Je trouve du nouveau dans le connu*», — disse Rodin, ao evocar as catedrais de França. Os artistas experimentam, perante os monumentos da beleza imortal, sensações que os arqueólogos — infelizmente para êles — desconhecem. Daí a pouco, o assombroso Pórtico, doirado de sol, latejante de vida, dominava tão completamente os meus sentidos, que eu julguei vêr aquela multidão de velhos, de profetas, de santos, para a qual o Cristo em majestade pontificava num nimbo de fogo, descer das colunas, das arquivoltas, do tímpano, e caminhar para mim, estendendo-me acolhedoramente as suas mãos fraternas:

— Sê bemvindo a esta casa, irmão português!

Júlio Dantas



O rescaldo da revolução brasileira

Na tarde de 18 de Novembro, a bordo do «Siqueira Campos» chegaram a Lisboa 77 deportados brasileiros, entre os quais se contam alguns dos chefes civis e militares da revolução de São Paulo, figuras ilustres que ocuparam no Brasil situações proeminentes. Logo após a chegada foi fornecida à Imprensa, assinada por todos os emigrados, uma nota que findava com estas frases:

«Dentro de penosas circunstâncias em que se encontram, todos consideram ainda um imenso consolo aportar à terra dos seus maiores, de que o Brasil será sempre um prolongamento na América.

Os laços de verdadeira fraternidade que prendem os dois povos suavizarão as durezas dêsse destêrro.»

EM CIMA: *O sr. dr. Júlio Prestes, presidente eleito da República irmã, figura prestigiosa da política brasileira, saindo de bordo do «Siqueira Campos».*

A' ESQUERDA: *Major Aristides Pais de Sousa Brasil, ex-comandante do Forte de Obidos de S. Paulo.*

A' ESQUERDA, EM BAIXO: *General Izidoro Dias Lopes, um dos chefes militares da revolta.*

EM BAIXO: *Alguns dos jornalistas deportados: Oswaldo Chateaubriand, Austregesilo de Atoíde, Francisco de Mesquita, Júlio de Mesquita (filho) e Paulo Duarte.*

A' DIREITA: *O major Ivo Aguiar Borges e o comandante da aviação tenente coronel Otelo Franco.*

COMO UMA INGLESA VIU E SENTIU LISBOA

Miss Dolly, a turista inglêsa

Miss Dolly, desembarcando algumas horas em Lisboa, a caminho dum cruzeiro pelo Mediterrâneo, foi-me recomendada por certo compatriota seu, numa carta em que me dizia: "E' fácil, mesmo entre inglesas, distinguir Miss Dolly. No entanto, Miss dignar-se-á esperá-lo no convez da pôpa, do lado do mar, ostentando ao peito uma flôr rara como ela».

E, informado da chegada do paquete, subi a bordo, cotovelando gente que me pareceu tocada duma luz fria de aurora, até dar com uma banal *Miss* em longo *alfaiate* de cinto, um fêltro de mau gôsto enterrado sôbre os olhos e uma vulgar gardénia rubra na lapela.

— Miss Dolly?...

— Yess!...

Imediatamente tive na minha a sua mão enluvada de branco, e, antes que pudesse conceder-lhe seguir adiante, o seu no meu braço.

Assim tão espontâneamente acamaradados, descemos ao cais a tomar o taxi que nos esperava entre os outros, para uma passagem rápida, empoeirada, do filme natural de Lisboa, Sintra e Estoris. Eu, porém, preferi começar por expôr uma das páginas mais eloquentes do luso passado, visitando *Os Jeronimos*.

Penetrámos por um dos pórticos de mármore florido, estivémos na igrêja, passámos ao longo dos claustros e do panteão, e, pelo ambito triunfal das ogívas, ao ocaso elegiaco dos vitrais, traduzi a Miss Dolly, nas estrofes alegoricas da pedra, a nossa admirável epopeia maritima. Miss traçou umas notas circunspectas na sua agenda de viagem, e saíu a retomar cá fóra o seu ar de camaradagem um tanto masculina, como se viesse de cumprir por mera delicadeza um rito grave que eu lhe impuzera.

Mais adiante, no Museu dos Côches, foi mais vivo o seu interêsse por aqueles grandes guarda-joias rodados e ajaezes de conto de fadas, que lhe ocorreram os longínquos jardins e palácios maravilhantes, que avistára da distância marítima da barra e de que já se esquecera como duma nuvem fantasiosa. Na realidade pacata de Lisboa, indiquei-lhe depois o Terreiro do Paço como a celebrada *Black-Horse Square*, tal como é conhecido em todo o mundo, porém Miss, que me pareceu ignorá-lo, exaltou a bela moldura que as arcadas faziam ao painel iluminante do Tejo.

O pior para um prestigio nacional que eu tanto tomava a peito, foi ao subirmos a pé a Rua do Oiro, titulo que Dolly achou condizente com a sucessão de joalherias e taboletas doiradas, mas ao longo de que, as olhadelas imperativas, façanhudas, dos meus patricios embaciaram um pouco a sua frescura de pedra preciosa, a sua alegria tão flagrantemente exíbida, espanejada em ademans contentes, ao nosso sol. Tive, mesmo, a desconfiança de que Miss sentiu a impressão de que ía atravessando uma azinhaga rondada por violadores subtis.

Note-se que, no novo taxi em que trepámos para a Graça, ela apenas me deixou transparecer que entre nós havia muita gente escura, com os olhos negros — negros. De passagem, porém, apeámo-nos ao lez do logradoiro de Santa-Luzia e fui abrir aos olhos da sua alma essa lírica janela rasgada amplamente sôbre o Tejo. Miss achou gracioso como um berlóque o pequeno jardim todo recortado e florido em miniatura, e, tendo assomado ao balcão posto num céu-aberto, arejou o seu espirito de todos os miásmas sensuaes, respirando a grande espiritualidade azul em que o rio se espandia no seu espasmo sonambulo, coagulado de navios adormecidos no longo esquecimento em que amanheciam idealmente os montes da Outra-Banda.

Era, sem dúvida, o Tejo de onde naquêle mesmo extasi azulado, irreal, quási quimérico, tinham partido em tempos épicos as naus, atravez mares escabrosos de malefícios, com aparições esquálidas de Adamastores, enquanto a marinhagem se comprazia com histórias cavalheirosas como a dos Doze de Inglaterra, que, para lhe dissipar uma má noção dos portugueses, contei sucintamente a Miss Dolly. Seguiamos então pelo dédalo escuso de Alfama, acidentado de escadarias, surto de arcos vesgos e em que as casas nos surgiam por vezes, obliquas, lascadas de cunhais, guardando ainda a ameaça suspensa do terremoto. Mas, ante a sombra senhorial de certos palácios, por retalhos de nobre cantaria, nalguns nichos e azulejos piedosos, ressuscitei de entre vagas penumbras de capa-e-espada, o antigo fausto que testimunharemos no Museu dos Coches e rolára por aquele empório de antanho, onde agora a penúria assomava aos postigos de gradesinha sob que houvera flores, punha os andrajos a enxugar e tresmalhava as crianças imundas e desgrenhadas, à mistura com espectros pávidos de bichanos mazelentos.

— Como êles gosam filosóficamente o

O vôr do sol em Sintra, que deslumbrou a turista inglêsa

sol — notou-me àcêrca dêstes, Miss Dolly, abrindo um parêntese risonho na piedade a que a movera mais o presente lugubre, que a ruina saudosa do nosso passado magnifico.

No entanto desejou vêr, como os heroes mais palpaveis dêsse romantico império, os reis defuntos que, segundo resenha do seu Boedecker, deviam estar à sua espera no Panteão de São Vicente. E lá, no museu funebre expondo urnas anódinas, ela subiu a espreitar as dos últimos despojos riais ainda expostos, com a compenetração de uma romeira cumprindo o voto de visitar o orago da sua devoção.

Lá fóra avistou as duas cúpulas do templo, com a mesma curiosidade de exotismo histórico com que avistaria as pirâmides dos faraós. Eu próprio receei no momento, que ela me observasse como português, não digo já à semelhança de uma múmia, mas de qualquer bicho raro do jardim zoologico.

Então levei-a a contemplar Lisboa toda cristalisada de casario e cortada de vales luminosos, do alto da colina votiva de Nossa Senhora do Monte.

Depois descemos por trechos Pombalinos da cidade, ao largo tumulto do Rossio, Miss perguntou-me que museu era a estação dos caminhos de ferro e, subindo a Avenida da Liberdade, deliciou-se com os passeios ajardinados, supondo já africana a sua flora, e, na Rotunda, voltou a seduzir-se com o curioso mosaico dos passeios, que já a cativara na Baixa. Enfim, o seu ânimo de turista conscienciosa alevantou-se ante a cidade colorida, toda refulgente de sol, que corria agora como um brinquinho arborisado, por salutares avenidas, com uma aceleração que eu recomendara para que, em todo o caso, Miss não désse com a feição de certos prédios ricaços.

Só quando o taxi parou no Campo Pequeno para que ela admirasse o bojo rubicundo da Praça de Touros, me preguntou, já com uma circunstante gravidade despontando no azul límpido dos seus olhos:

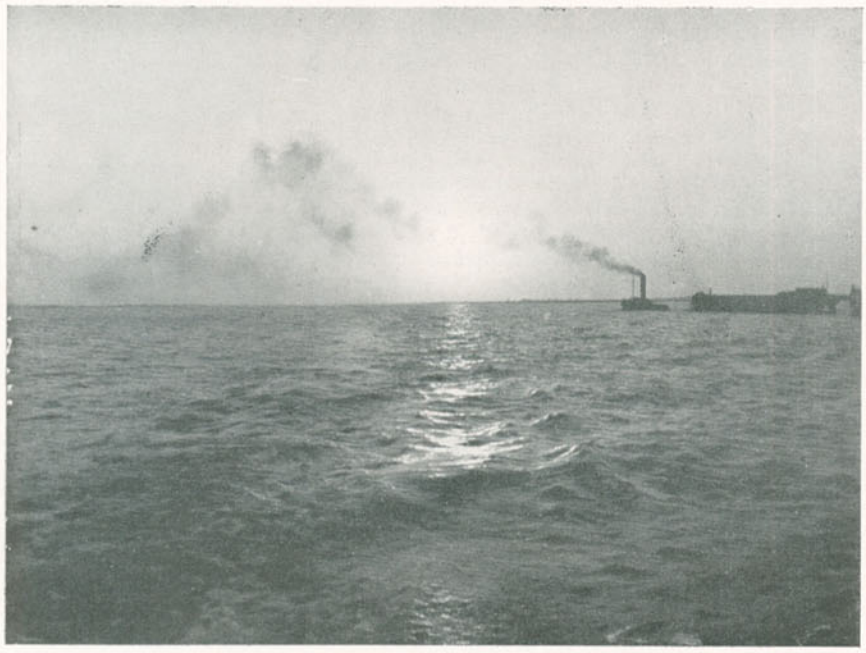
— Que monumento histórico é êste?

Porém pu-la ao corrente do que se tratava. e rejubilou logo, antegosando o espectáculo taurino que ali pudésse aguardá-la, como Camões no seu tumulo e as mais admiráveis plantas na estufa fria do Parque Eduardo VII — nome que ela anotou como um dos factos mais importantes na sua agenda de viagem.

Então, à falta duma corrida de cornúpetos, cortámos ao Campo Grande para apanhar a estrada de Sintra, em Benfica, onde nos apeámos afim de assistir a uma sessão de fado, em certa capelinha típica da boémia tradicional. Aí abancámos entre uma assistência de marmanjões com mirada sentimental, e, depois de sofrermos devotadamente, uniformemente com êles, a dôr cava daquela mulher que gemia alto, ferindo as cordas duma guitarra e espasmando os olhos de vício como se estivessem dilacerando-lhe as entranhas com um punhal, Miss Dolly estranhou-me cá fóra:

— Porque sofrem assim e são tão atarracados, os portugueses, se têm um passado glorioso e vivem num país de sol, lutando com os touros?

Procurei desfazer-lhe essa má impressão, enquanto seguiamos a todo o gás para Sintra, notando-me ela o grande, desolado êrmo de árvores que em geral íamos atravessando.



Um crepusculo sôbre o mar, último encanto de Miss Dolly

Na «amêna estância», pareceu-me um tanto desiludida por não encontrar positivamente os magnos encantos com que Byron a deslumbrara no prelúdio wagneriano do seu *Child-Harold*. Visitámos, também sem grande sugestão para si, o arqueológico, amouriscado Paço Real, onde em vão tentei ressuscitar uns fastos históricos que já a não convenceram. Foi no Palácio da Pena, no seu bric-á-brac arquitectónico, de que as alturas enubladas mais realçavam a romanesca fântasia, que Miss Dolly foi sensível aquele encanto áspero, todo cascatante de louçania. Contudo, aderida a mim, ao abrigo amorável do meu calôr contra o frio misterioso da serra, debalde os seus olhos perscrutam a lenda dos longes enevoados, à procura do deslumbramento dum Byron que não topára com aquele palácio fatídico.

(Where is...) Onde está o claro céu *(the scy lark)?* — preguntou ao nevoeiro. E, travando-me duma das mãos já trémulas de a estarem aconchegando, levou-me como para uma festa pagã, através o matagal envolvente.

Porém, no instante patético em que supus que afinal iamos noivar ali profanamente, Dolly estacou como perante um milagre, frente a uns chuveiros de luz que o pôr-do-sol jorrava como por religiosa fantasia, numa clareira do arvoredo.

— *Beautifull. «Wonderfull». Súblime!* — exultou então ela, com uma tal infantilidade que, mais que aquela aparição de sol, me lancetou o pensamento de qualquer selvageria fatal.

Depois, nos Estoris, foi outra mais espiritual, a idea que, no meu íntimo, fiz do estado de alma de Miss Dolly. Ela voltou as costas ao pinhal, ao parque, ás arquitecturas claras, a tôda a lavada cenografia estorilense, e pôz-se a avistar o crepúsculo sôbre o oceâno, poisando suavemente, discretamente como se fôsse o seu próprio coração, a sua mão na minha. Por mim, nada mais senti, porque também nada mais avistei sôbre as águas em lusco-fusco, que um méro rebocador, fumacento, arrastando uns velhos batelões, e, além disto, um móbil trilho luminoso que levava o nosso espírito enlevado a um nimbo, um halo de sol místico, que se elevava prodigiosamente no além marinho.

E supus que Miss Dolly, tocada nas suas mais íntimas fibras por quanto vira e eu lhe dissera como seu legítimo representante, me propuzesse demorar-se em Lisboa, ou então encontrarmo-nos para as bôdas, em Inglaterra.

Previ uma situação melindrosa por ter excedido as suas medidas emocionais com os encantos e sugestões da minha terra, que sentia já personificar a seus olhos, dada a temperatura íntima que lhe tomava. E como português, cavalheiro, algo romanesco, não sabia, com franqueza, como escusar sentimentalmente a *Miss*, a minha vida já com raizes em Lisboa e o problema do meu futuro na Gran-Bretanha.

Então, de regresso a bordo, sob aquele pôr-de-sol em que se evolava, ascendia numa apoteose de sonho todo o incenso lírico de Portugal, pondo nostálgicas quiméras pelo longes, fui ainda afável, mas discreto, ante o sentido recolhimento de Dolly, ao fim platónico daquela sua romagem turística.

Mas no cais, ao embarcar para o seu cruzeiro no Mediterrâneo, Miss despediu-se de mim como dum furtivo camarada de algumas horas.

Aleixo Ribeiro.

SORRISOS E FRIVOLIDADES

Madame Tallien, a *Notre-Dame de Thermidor*, ouvindo falar muito de Tailleyrand sentiu desejo de o conhecer, e fez com que o apresentassem em sua casa, recebendo-o, então, vestida com um daquêles trajes transparentes e muito decotados, que tanto ruído fizeram no tempo do Directorio. O abade desconcertou-se, a principio, mas graças ao seu talento e á sua amabilidade conseguiu tranquilisar-se.

No dia seguinte, estando esta senhora rodeada das suas visitas, recebeu uma grande caixa de papelão, cuja tampa se lia: *Vestido para senhora.* Julgando que se tratava de um magnifico vestido que havia encomendado à modista, abriu a caixa deante das suas amigas, para as fazer admirar o que ela julgava uma extraordinaria maravilha.

Mas, dentro daquela deliciosa caixa, não havia senão uma folha de parra! . . .

*

O mendigo: — Venho pela esmola dos sabados.
A creada: — A senhora saíu. Tenha paciência.
O mendigo: — Saíu?! Você bem sabe que eu venho todos os sábados, e então diga-lhe que deixe a esmola quando tiver de saír; e se isto não lhe convier . . . que procure outro pobre!

*

— Ó homem! Não dispares! Pois não vês que te esquecestes de carregar a espingarda?
— Deixa-me! Não tenho tempo para isso. Tu imaginas que o coelho pode esperar?

*

Post-scriptum de uma carta:
«Desculpa não te mandar os dois escudos em estampilhas, que me pediste, porque só me lembrei disso depois desta estar no correio».

*

No decurso do século XIX morreram 400 homens, perderam-se 200 navios e gastaram-se 400 mil contos, em esforços inuteis pàra se chegar ao pólo norte.

*

Os lapidários da Holanda chegaram a tal perfeição no seu ofício que talham diamantes tão pequeninos, que são precisos 1.500 para com êles fazer o peso de um quilate.

*

As cabeleiras fôram inventadas por Carlos V que, indo á Itália fazer-se coroar pelo papa Clemente VII e doendo-lhe à cabeça, imaginou que lhe passaria a dôr rapando-a á navalha e pondo cabeleira; o que, por servilismo, imitaram todos os seus cortezãos.

*

Eu sofro, sinto, padeço,
Soluço, suspiro e choro;
Por isso, conheço que amo,
Sei, por isso, que te adoro.

*

A mulher virtuosa tem uma fibra a mais ou uma fibra a menos do que as outras mulheres: é estúpida ou sublime. — *Balzac.*

*

Num estabelecimento:
— Meio quilo de chá.
— Quer verde ou preto?
— Preto. É, para uma família que está de luto.

*

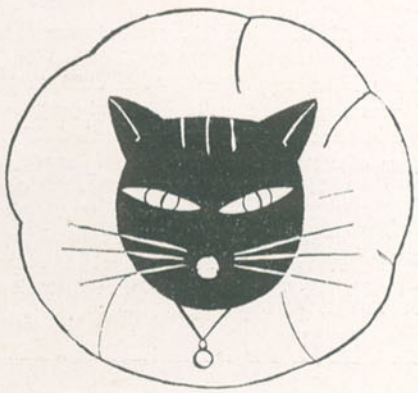
Dizia um professor de moral aos seus alunos, resumindo uma das suas conferências:
— Tende bem presente o que vou dizer: O homem que chega a certa idade e não serve para nada . . . é capaz de tudo!

*

Numa prisão:
— Deve saber que o trabalho aqui é obrigatório para todos os presos e parece-me que lhe será agradável que o utilisemos naquilo que se sabe fazer.
— Sim, senhor. Muito agradecido.
— Que profissão é a sua?
— Eu sou aviador, senhor director . . .

*

Está calculado que um homem fala, em termo médio, três horas por dia, ou cem palavras por



minuto, o que dá 19 páginas in-8.º por hora, ou 52 volumes por ano.

O que uma mulher pode falar, isso é incalculável . . .

*

A esposa: — Não me trouxeste nenhum presente, hoje, no dia dos meus anos!
O marido: — Não, minha querida. Não quiz recordar-te que tinhas um ano mais.

*

Um padeiro. — Cada kilo de farinha devia pesar cem kilos.
Uma solteirona. — Os homens não deviam pensar em mais nada senão em casar.
Um casado. — Que grande verdade é esta: Boi solto lambe-se todo!
Uma criada. — Quem seria o miseravel que inventou o tomar contas?
Um viuvo. — Solteiro, estava no paraiso; casado, no purgatorio; e agora estou no Ceu.

*

Num museu.
Tocou já, pela terceira vez, a sineta da tarde. Os visitantes encaminham-se lentamente para a porta da saida.
— E' andar! E' andar! E depressa! — resmunga o porteiro. Depois, acrescenta, comentando, rabujento, para um amigo:
— Isto, por mais que a gente faça, ha sempre alguns que são os ultimos a sahir! . . .

*

Nos fins do século VIII, apareceu a Santíssima Virgem a Leão, que estava fazendo penitencia pela perversa conducta que, em sua consciência, tinha vindo observando; e, para se penitenciar dela, além de cumprir com os preceitos religiosos, dedicou-se ao estudo da teologia.

Quando vagou a séde pontificia, foi eleito Papa, e certo dia, estando a receber oferta dos fieis, uma mulher beijou-lhe a mão. Por um momento, acordaram no seu espírito ocultas paixões, e cuidadoso dos seus solenes deveres, cortou a mão para que nunca mais o obrigasse a pecar. Fez oração e a Virgem restitui-lhe a mão ao braço mutilado.

A Egreja, que soube do caso, resolveu que todos os que visitassem o pontífice lhe beijassem um pé.

*

As mulheres têem a vista mais penetrante do que nós, e quando com elas cruzamos o olhar o homem é sempre o primeiro ferido.

*

Um sábio alemão pretende reconhecer o caracter das pessoas pela entonação do riso.

Segundo diz, as pessoas, que, quando riem, deixam ouvir de preferência a vogal *a* são de carácter franco e leal, mas volúvel.

Aquelas em cujo riso predomina o *e* são fleumáticas e melancólicas. As que riem em *i* são ingénuas, serviçais, tímidas e indecisas.

E é êsse, em geral, o riso das crianças.

O riso em que predomina o *o* denota sentimentos nobres, magnitude e inteiresa de carácter.

O sábio alemão declara-se contra os que riem em *u*, porque assim se riem os falsos, os traidores e misantropos.

Em que se entretêm os sábios!

*

Um sujeito valsa com uma senhora espirituosa.
— Gosta de valsar? pergunta-lhe a dama.
— Oh! Sou doido pela valsa!
Ela, com infinita denguice:
— Mas, então, porque não aprende?

*

Uma casita na aldeia
Agasalhada e bem cheia;
Fogo vivo, amor fecundo;
Um filhinho que nos chame . . .
E uma mulher que nos ame . . .
Que maior dita no mundo?

*

Não ha nenhuma flor preta. Ha algumas cuja côr é tão escura que a curta distancia parecem negras, mas não o são. Na Noruega fizeram-se muitas tentativas com o fim de mudar as cores das flores por meio de substancias chimicas; mas nunca se conseguiu, obter uma flor de cor negra pura.

*

Assistir a um casamento é estimular os jogos de azar.

*

Para um advogado, nem todos os processos constituem *ganho de causa;* mas todos são para êle *causa de ganho.*

*

Um caçador, falando das suas proesas, contava que, com um canivete, havia cortado a cauda a um leão.
— A cauda? Interromperam-no. — E porque não lhe cortou o senhor a cabeça.
— Ora, por quê? Porque já lh'a haviam cortado antes.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

CHÁ DANÇANTE

Na tarde do dia 3 do corrente, realisa-se no Palácio Palmela, ao Calhariz, onde está instalada a Liga Naval Portuguesa, um «chá dançante» de caridade, organisado por uma comissão de gentis senhoras solteiras, de que fazem parte D. Adelaide Arouca, D. Maria Antónia Cabral Gentil, D. Maria Helena Correia Pereira, D. Maria Emilia Machado Mendes de Almeida, D. Maria Isabel Gomes, D. Maria Luisa de Melo e Castro Trigoso, D. Maria da Luz Melo e Faro (Monte Real), D. Maria Luisa d'Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Teresa Pinto Coelho e D. Maria Fuschini de Lima Mayer, cujo produto se destina a favor da creche do Patronato de S. Sebastião da Pedreira.

O «chá dançante» será abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band» que se fará ouvir em um magnífico reportório de músicas modernas.

Os bilhetes de admissão requisitam-se pelo telefone Bemfica 5, ou por escrito para a Estrada das Laranjeiras, 176.

EXPOSIÇÃO E VENDA

Organisada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade da qual fazem parte D. Beatriz Figueira Freire da Costa Veiga, D. Elisa Bravo Borges, D. Eugenia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Laura Pereira, D. Maria Adélia dos Santos Gomes, D. Maria Emilia Castelbranco, D. Maria José de Avelar Machado Bravo Borges, D. Maria da Piedade Castelo Branco (Belas), D. Maria Teresa de Lencastre Ferrão, D. Maria Teresa Quintela de Saldanha (Farrobo), e D. Maria Vitorina Vilar, está-se realisando na antiga séde do Banco Comercial do Porto, à rua de S. Nicolau, uma interessante «venda e exposição de trabalhos», cujo produto se destina a favor da Associação Protectora de Meninas Pobres e da Escola da Divina Providência, havendo também serviço de «chá».

Esta «exposição e venda» que tem sido muito concorrida, encerra-se na tarde do dia 3 do corrente.

NO AVENIDA PALACE

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de sábado 26 de Novembro último, nos salões do Avenida Palace, a segunda festa de caridade dêste inverno, que constou também de «chá Mah-jong», cujo produto se destinava a favor da Casa de Proteção e Amparo de Santo António e foi levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Alix Maury de Melo, D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Clarisse de Freitas Lomelina de Sousa Guimarães, D. Condessa de Murça, D. Elena Mauperrin dos Santos Ferrão, D. Isabel de Melo de Almeida e Lencastre, D. Maria Andrade Roque de Pinho, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria Isabel de Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria da Luz da Câmara de Orey, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier e Viscondessa da Atouguia, havendo também partidas de «Bridge» e de «Bluff».

A comissão organisadora deve estar plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

NO GRÉMIO LITERÁRIO

Na tarde de quinta feira 24 de Novembro ultimo, realisou-se nos salões do Grémio Literário à rua Ivens, a primeira festa de caridade dêste inverno, que constou de «Chá Mah-jong», cujo producto se destina a favor da Escola da Chagas, para crianças pobres, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, presidida pela sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, e que decorreu com muita animação e concorrência, oferecendo os salões do Grémio Literário, nessa tarde um aspecto verdadeiramente encantador.

A EXPOSIÇÃO DOS TAPETES DE BEIRIZ. — *Constitui uma verdadeira manifestação de arte, a Exposição dos Tapetes de Beiriz, no Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes que, há dias, foi visitada pelo Chefe do Estado, que admirou demoradamente a policromia das suas côres maravilhosas, tendo felicitado calorosamente os seus creadores — D. Olilda Brandão Miranda e seu marido o sr. Carlos R. Miranda — pelo êxito da Exposição e pelo desenvolvimento que tem tomado essa indústria que orgulha e enobrece Portugal perante nacionais e estrangeiros*

Nos salões

Na elegante residência da brilhante poetisa sr.ª D. Mécia Mousinho de Albuquerque, à Junqueira, realizou-se na noite de 19 de Novembro último, um interessante serão de arte, em que tomaram parte os srs. Cardoso dos Santos, nosso presado colega do *Diário de Notícias* que fez a leitura da sua nova peça «Visões de Antanho», obra histórica em verso, que deverá subir à cêna esta temporada no teatro Nacional Almeida Garrett, representada pela Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, o sr. dr. Loureiro Diniz, que cantou três números de música da sua autoria, com versos da ilustre dona da casa e dr. Ramiro Guedes de Campos, que recitou versos seus.

Todos os interpretes foram muito aplaudidos pela selecta assistência, que se retirou verdadeiramente grata com a dona da casa e sua filha D. Fernanda, pelos deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Casamentos

Realiza-se no próximo dia 8 do corrente, dia da Nossa Senhora da Conceição, na Capela do Palácio dos srs. marqueses de Pombal, em Oeiras, o casamento da sr.ª D. Maria Cândida da Silveira e Lorena de Magalhães Correia, gentil filha da sr.ª D. Maria Leonor da Silveira e Lorena de Magalhães Correia e do contra-almirante sr. Luís António de Magalhães Correia, antigo ministro da Marinha, com o sr. Joaquim Belfort Correia da Silva (Paço de Arcos), filho dos srs. condes de Paço de Arcos.

Na paroquial de S. Jorge, em Arroios, realisou-se o casamento da sr.ª D. Carolina Possolo de Leão de Carvalho, interessante filha da sr.ª D. Maria Helena Possola de Carvalho e do distinto engenheiro agrónomo sr. Vasco de Carvalho, com o sr. Quirino José Salgueiro Machado aluno do 3.º ano da Faculdade de Engenharia de Minas, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Raquel Lisboa de Lima, prima da noiva e D. Joana Salgueiro Machado; mãe do noivo, que se fez representar por sua filha sr.ª D. Júlia Castela Teixeira, e de padrinhos os srs. marquês de Faria, primo da noiva e o capitão Bartolo Simões, cunhado do noivo, sendo o acto celebrado pelo reverendo prior da freguesia, Conego Joaquim Martins Pontes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido um finíssimo lanche

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

D. Nuno.

A MULHER E A BELEZA

A beleza foi sempre o pomo cubiçado pelas mulheres de todos os tempos. Quando a não tinham ou não conseguiam obtê-la, substituiam-na pela *coquetterie*, enfeitando-se e vestindo-se o melhor que podiam.

E ainda hoje é assim. E, de facto, há mulheres que não são bonitas, cujas feições são irregulares, feias mesmo, mas que se arranjam tão bem, que chegam a parecer interessantes.

Mas a beleza é um dom pouco duradouro e essas rainhas, agora em moda, escolhidas por eleição, depressa são relegadas para o esquecimento.

Há as outras rainhas da formosura, as que não são eleitas por um juri, mas que o grande juiz, o público, sagrou belas.

Estas gozam mais tempo do seu reinado de sedução, porque são quási sempre mulheres que pertencem à popularidade, pelo seu modo de vida que as traz constantemente em exibição — actrizes ou bailarinas.

Portugal teve mulheres de teatro formosíssimas pela sua figura ou pelo seu rosto, quando não pelas duas coisas.

Contemporâneas nossas, lembremos Rosa Damasceno, de uma doce beleza — uma criatura que ninguém via na rua, porque andava sempre de trem, e só no palco se mostrava; Amélia da Silveira, elegantíssima; Carolina Falco, sumptuosa; Virgínia, menos bonita, mas muito simpática; Amélia Vieira, uma morena encantadora; Florinda, o rosto mais belo do seu tempo; Josefa de Oliveira, muito trigueira, e que fumava escandalosamente, o que lhe dava um *cachet* especial, nesse tempo em que a mulher só chupava um cigarro às escondidas; Isaura Ferreira, que tinha uns olhos verdes que formavam um singular conjunto com o seu cabelo negro; e, para acabar a recordação, Amélia de Avelar, uma linda mulher, em qualquer parte e entre as mais lindas. Áparte Isaura e Amélia, já conheci estas mulheres no seu outono, mas ainda bastante formosas para impressionar quem as olhava.

Claro que falo apenas das que já não são dêste mundo, pois temos ainda aí actrizes dêsse tempo que mostram o quanto foram belas na primavera da sua vida.

Paris acolheu sempre a beleza, viesse ela donde viesse, com entusiasmo.

Teve as mais belas mulheres que de todo o mundo ali afluiam para conquistá-lo. Foi lá que a Carolina Otero, que êles apelidaram de *Belle Otero*, teve os seus maiores triunfos, como mulher e como bailarina.

A sua carreira triunfal começou no Pôrto, e a um Português deve a notoriedade que o seu nome teve, porque foi êle que a trouxe de Espanha e tornou assim possível o seu vitorioso passeio pela Europa.

Lembro-me de a ver, era eu criança, no Pôrto, a cavalo, vestida de cinzento. Alguém a apontara a meus pais, como sendo a Otero e fez-me impressão pela côr do vestido, porque só via nos circos amazonas de vestido preto.

A sua vida amorosa foi bastante agitada. Carolina Otero gastou milhões e prestava grande culto à arte de bem vestir.

Um dia, chamada ao tribunal por um comerciante que a acusava de ter furtado um pacote com rendas antigas do seu estabelecimento, respondeu ao juíz, como réplica incontestável de defeza, que não trazia nunca embrulhos, porque essa prática desfearia a sua linha de elegância e *coquetterie*.

Não me lembro já se o tribunal achou essa razão suficiente para a isentar da mancha de gatuna; mas não creio que a famosa bailarina precisasse de fazer mão baixa sôbre qualquer coisa para enfeitar-se, tendo tão perto o livro de cheques dos seus generosos fieis.

Constou que Otero, para esconder os estragos dos anos, se fez esmaltar o rôsto.

Gaby Deslys no apogeu da sua carreira

Nunca tive ocasião de verificar de perto se o boato tinha fundamento.

Mas, a avaliar por outros casos, é possível que não seja verdade.

Por cá também já se disse que Palmira Bastos ia a Paris, de vez em quando, sujeitar-se a essa operação. Ora eu vi bem ao pé de mim a ilustre artísta, e posso garantir que não havia no seu rôsto o mais leve vestígio de esmalte.

Tenho imenso prazer em desfazer esta lenda, embora peze aos detratôres de tudo quanto é belo pela única fôrça da natureza.

Quando uma mulher tem uma bôa pele e se conserva joven e fresca, desafiando o tempo, logo aparecem os espertos a dar a única explicação que o seu fraco entendimento conhece — o artifício.

Lina Cavallière foi uma formosura também, o que era o seu maior treunfo nas cartadas que ganhava como cantora de ópera.

Foi muito gentil para comigo, uma noite em que estando eu na Abbaye Thélème, o restaurante mais *chic* de Paris, me mandou pedir para cantar uma canção italiana — *Sole mio!*

Já ia então no seu declínio, mas era ainda muito bonita e vestia lindamente. Hoje está dirigindo um Instituto de Beleza.

Cléo de Mérode, a bailarina que o amor do velho rei Leopoldo da Bélgica tornou célebre, mais ainda do que o seu talento de *danseuse*, que era do melhor quilate, foi das mulheres mais admiradas da França, como o foi Cécile Sorel, que não desarma tão cêdo, na sua luta contra o tempo inclemente.

Entre tôdas, agrada à minha consciência e ao meu gôsto estético lembrar essa graciosa, essa insinuante figurinha de *biscuit*, que foi Gaby Deslys, morta, quando a vida tinha ainda tanta glória para lhe dar. Gaby era duma finura de expressão e duma suavidade de maneiras tais, que não me admira que trouxesse presos do seu encanto irresistivel tantos e tão belos corações. Foi a *partenaire* ideal de Harry Pilcer, que jámais poderá esquecê-la.

O retrato que dela damos nesta página é rarissímo, e tenho-o em grande estima.

Mas, afinal, tudo passa e a beleza sempre vem a queimar-se na fogueira da destruição que nada poupa. Umas morreram, outras arrastam pelo mundo, já delas esquecido, os corpos cançados, trazendo nos olhos, agora sem brilho, a saüdade pungente de tudo o que foi e não mais será.

Mercedes Blasco.

PELO MUNDO FÓRA

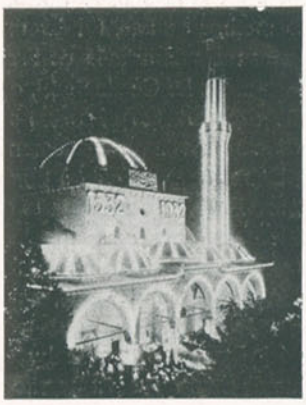
Uma cerimónia

Para celebrar a conclusão dumas importantes reparações que sofreu a Catedral de Lincoln — a mais célebre de Inglaterra — realizou-se uma cerimónia a que presidiram o duque e a duqueza de York, que se vêem na gravura, com o bispo de Lincoln e o «doyen» da Catedral, ao sair do formosíssimo templo.

Os «6 dias» de Berlim

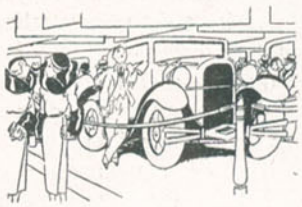
O ciclísmo contínua em voga em todos os países. A partida dos «6 dias» de Berlim foi dada pelo célebre actor de cinema Harold, que se vê entre os numerosos corredores.

Festas mussulmanas



Os mussulmanos de Sarajero celebraram o 4.º centenário da Mesquita de Beg, com formidáveis festas. O templo foi profusamente iluminado. Como êste, estavam iluminadas as 100 Mesquitas que há naquela cidade.

A graça alheia



Na Exposição de automoveis:
— NÃO É FEIO AQUELE RAPAZ...
— Ó FILHA... AQUILO JÁ SE NÃO USA... É MODELO DO ANO PASSADO...

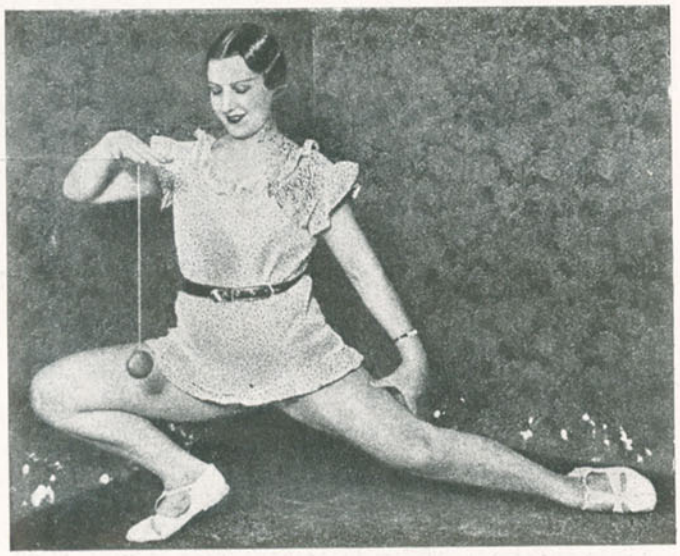
«Os olhos mais bonitos de Paris»

A beleza do olhar, constituirá, por si só, beleza? É o que se procurou observar num recente concurso, organizado em Paris. A expressão do olhar, parece nada ter com a expressão do rosto... Eis a conclusão a que chegou um juri composto de pintores, escultores, poetas, jornalistas e artistas teatrais, que concedeu o primeiro prémio a M.elle Andrée Champeaux. Na gravura, veem-se algumas concorrentes, com uma espécie de máscara, tal como se apresentaram diante dos membros do juri.

A greve dos transportes em Berlim

A última greve dos transportes em Berlim teve, além do seu lado sangrento — chegou a haver luta entre a polícia e os grevistas, de que resultou algumas mortes — o seu lado curioso: apareceram nas ruas berlinenses, os mais variados carros, hoje completamente postos de parte. Entre estes, surgiram alguns velhos trens, com os seus cortinados característicos, como nos mostra a fotografia.

A epidemia do «yo-yo»



Invadiu tudo o «yo-yo». Até já uma bailarina espanhola — Polita Bedrós — lançou um novo bailado a que deu o nome de «Yo-yo step» em que prodigiosamente, fez movimentar um «yo-yo», durante sete minutos — tempo que leva a dar os mais variados passos da dança da sua invenção. Está fazendo furor em Madrid, o novo bailado, a ponto de Polita Bedrós ter sido já convidada, várias vezes, para se exibir em récitas de caridade.

Outra «rainha»...

Em Londres, durante uns dias, foi o assunto de tôdas as conversas o Concurso de Beleza das telefonistas. Foi proclamada rainha, miss Elsie Barringer, de 21 anos, loura, alta e elegante.

Mulheres que cachimbam...

Há mulheres que fumam por cachimbo... Esta velha irlandesa só tem essa distracção, além do lêr. Enche o seu cachimbo cinco ou seis vezes ao dia... Imaginem que passava a ser moda!

Moderno Sansão ..

Um rapaz, de nome Loren Palsser, consegue, numa rua plana, pôr em movimento um automóvel, unicamente pela fôrça dos cabelos... Para isso, o seu companheiro prende as pernas no pára-choques e agarra-se-lhe, com as mãos, aos cabelos... Tem 18 anos e nem sequer tem uma farta cabeleira...

A graça alheia

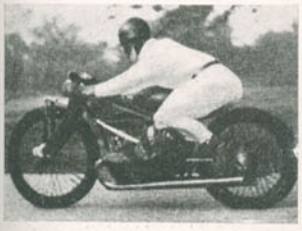
— VAMOS, TÓTÓ, SE TE DEITAS AO MEIO DA CAMA, ONDE QUERES QUE DURMA O TEU IRMÃO?
— AINDA TEM OS DOIS LADOS!

PELO MUNDO FÓRA

A guerra e o teatro

O dramaturgo alemão Emil Ludwig escreveu — e vae fazer representar — uma tragi-comédia intitulada «Versailles», cujos personagens são os que assignaram o pacto que poz fim ao conflito europeu de 1914-1918.

A velocidade



O corredor Ernest Henne estabeleceu em Tat-Ungarn (Hungria) um novo «record» mundial. Conseguiu a quási fantástica velocidade — em pista — de 244 quilómetros e 399 metros á hora.

Teatro russo

No «Théatre d'Action International», de Paris, está em cêna uma peça «Le train blindé». A crítica parisiense classificou-a como sendo de propaganda soviética, mas os programas dizem ser sómente «um episódio da guerra civil russa».

A graça alheia

— COMO SE CHAMA O HOMEM QUE TEM DUAS MULHERES?
— BIGAMO.
— E AQUELE QUE TEM UMA?
— MONO . . . MONO . . . MONOTONO

O armistício e a propaganda pacifista

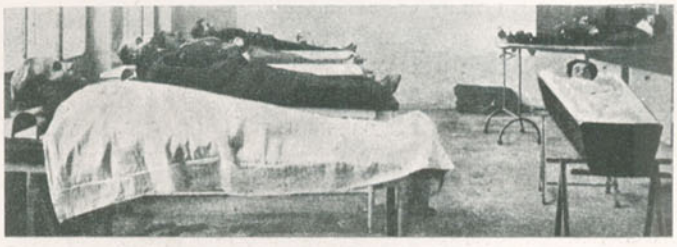
No dia 11 de Dezembro — aniversário do armistício — o Partido Socialista de Paris, promoveu manifestações pacifistas. O «Comité de Acção contra a Guerra», levando atrás de si mais de 30.000 manifestantes, percorreu as ruas da capital francesa e organizou vários comícios nas praças públicas. A' esquerda vê-se a direcção do «Grupo dos Antigos Combatentes Pacifistas» ouvindo um orador.

Os prémios Nobel de 1932

O grande sábio americano Iwing Langmuir, que obteve o Prémio Nobel de Química de 1932, é professor da Universidade de Washington.

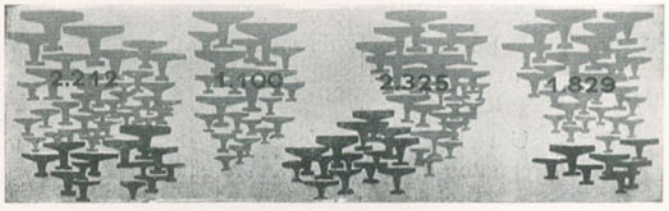
John Galswosthy, escritor inglês, reputado um dos melhores romancistas de todo o mundo, alcançou o Prémio Nobel de literatura de 1932

Os acontecimentos de Genève



Os socialistas suissos provocaram grandes distúrbios em plena Genève — séde da Sociedade das Nações. Houve bastantes mortes e o govêrno federal proclamou a lei marcial. Os mortos estiveram em exposição, no hospital, para serem reconhecidos.

Os países que teem maior aviação

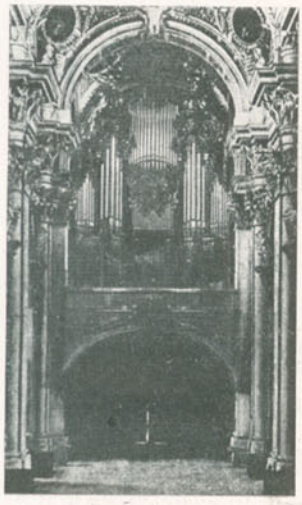


Duma revista francesa tiramos os seguintes números que são bastante elucidativos: A França tem 260 aviões de caça e 290 de bombardeamento, ao todo 2.212 aparelhos. A Alemanha conta só 1.100 aviões civis (!). A Itália: 300 de caça e 525 de bombardeamento, ao todo 2325 e a Inglaterra: 190 de caça e 200 de bombardeamento, ao todo 1829.

Caricatura antiga

«Cem anos de caricatura» se chama uma «Exposição de caricatura» aberta agora em Paris. Por ela se pode estudar a história política da França dos últimos cem anos. A caricatura que publicamos é de Flaubert e foi feita pelo grande artista Eugéne Giraud.

Um orgão monstro



O maior orgão do mundo está na Catedral de Saint-Etienne, em Passau. Possue 208 registos, 5 teclados e 16.105 canudos. Vale alguns milhões de francos.

A graça alheia

— VOCÊ, QUE É AUTOR DRAMÁTICO, É CAPAZ DE ME ARRANJAR UMA «BORLA» PARA O TEATRO . . .
— E VOCÊ, QUE É BANQUEIRO, É CAPAZ DE ME ARRANJAR, LÁ NO BANCO, CINCO MIL FRANCOS . . .

Á pesca

O ajuste da criada:

— Sobretudo gosto das coisas feitas depressa e a tempo e horas.

— Isso é a minha especialidade — disse a criada. — Na casa donde saí fazia as camas antes dos patrões se levantarem.

■

Um provínciano preguntou a um polícia se havia perigo em pôr um pé na calha do carro eléctrico.

— Não senhor, informou o guarda, agora o que é preciso é ter cuidado e não pôr, ao mesmo tempo, o outro pé no cabo eléctrico.

■

O chefe da estação do caminho de ferro, dizia, muito indignado:

— E esta!... Tôda a gente fala dos combóios que não chegam à tabela e ninguém diz nada dos viajantes que chegam atrasados!...

■

O Lopes foi testemunha dum duelo.

— Ali o difícil, explicava êle, à noite, no café, é colocar os adversários, exactamente à mesma distância um do outro.

■

Êle: — Vamos lá a vêr se adivinhas o que eu estou pensando:

Ela: — E' animal, vegetal ou mineral?

Êle: — E' animal.

Ela: — Estás a pensar em mim!...

■

Num consultório:

— V. Ex.ª tem a doença das capitais do mundo...

— Não compreendo...

— Circulação difícil nas grandes artérias.

— O meu infeliz marido teve duas pneumonias seguidas.

— E morreu da segunda?

— Não, morreu da primeira.

■

Dum discurso patriótico:

— Meus senhores, êste facto é digno de figurar na história universal dum povo!

■

— Capitão, porque é que mandou içar as velas?

— Porque vamos a atravessar o Mar Morto.

■

Na aldeia:

— Quere saber a hora legal? E' muito simples: vê a hora na Estação, na torre da Igreja e na Camara Municipal, tira a média, junta 20 minutos e tem a hora certa.

■

O cúmulo da mandriice:

Uma pessôa desejar ficar careca para não ter o trabalho de se pentear.

■

— Está bem, meu caro Guimarães, se queres fazer um fato barato vai ao meu alfaiate; mas tens que oferecer-lhe metade do que êle te pedir.

O Guimarães foi ao alfaiate, que lhe pediu seiscentos mil reis pelo fato.

— Dou trezentos.

— Há-de dar os quatrocentos.

— Dou duzentos, nem mais um real.

— O menos são duzentos e cincoenta.

— Dou cento e vinte e cinco mil réis.

— Prefiro fazer-lhe o fato de graça.

— Nêsse caso, concluíu o Guimarães, tem de me fazer dois.

■

— O' meu rico bemfeitor, dê-me uma esmolinha, pela saúde da mulher de quem gosta.

— Eu não gosto de mulher nenhuma. Sou casado.

■

Um aldeão foi confessar-se e o padre preguntou-lhe quantos Deuses havia.

— Sete, respondeu o lôrpa.

— Não, meu filho; pensa e responde direito.

— Nove.

— Valha-me Deus.

— Dôze.

— Dôze?!... Olha, levanta-te, e vai-te embora e volta cá, quando souberes o catecísmo.

— Quinze.

O padre nem lhe deu resposta e foi para a sacristia; mas quando ia a entrar a porta, o lôrpa ainda lhe gritou lá de longe:

— O' senhor priôr, contente-se com vinte e dois?... Não quere?... Pois eu também não dou mais.

■

— Êle: — Então, deu-me uma bofetada...

— A culpa foi tua, que faltaste ao respeito a um general.

— Eu sabia lá se êle era general!

— Então não vistes as estrêlas?

— Não senhor. Só vi as estrêlas, depois de levar a bofetada...

■

Na escola:

O professor: — Quem foi Cristovam Colombo?

O aluno: — O inventor do ôvo.

■

— No dia dos meus anos convidei quatro amigos para jantar.

Um transmontano, um beirão, um minhôto e um algarvio. O transmontano trouxe um presunto de Chaves, o beirão trouxe um queijo da serra, o minhôto trouxe um pipo de vinho verde...

— E o algarvio?...

— O algarvio trouxe a família tôda, para jantar.

■

A espôsa: — Acorda Luíz.

O espôso: — Não posso.

A espôsa: — Porquê?

O espôso: — Porque não estou a dormir.

■

— Porque dormes com os óculos?

— Para poder conhecer as pessôas com quem sonho.

■

Num consultório:

— Pois é verdade, senhor doutor, não posso estar nem de pé, nem deitado, nem sentado.

— Nêsse caso, o remédio é estar de cócoras.

O pescador — **Lino Ferreira.**

Um aeroplano metálico destinado às carreiras de passageiros

Sports

OS FACTOS DA QUINZENA

Foi inaugurado, em Paris, na passada semana, o 13.º Salão Internacional de Aeronáutica, que reüne todas as últimas inovações, contribuindo para os progressos da moderna arte de voar.

A ocasião é propícia para volver atraz um olhar evocativo, admirando o enorme caminho percorrido desde que há vinte e cinco anos o homem conseguiu dominar o espaço; a diferença de então para hoje é formidável, mas tem, infelizmente, a acompanhar-lhe o avanço, uma hecatombe de vítimas, sacrificadas no altar de uma ideologia de ambições e audácia.

Os aviões atuais realisam normalmente proêsas que ainda há pouco tempo constituiam *récords* inabordáveis, e a aviação comercial possui uma organização regular, prática, que a transforma num elemento da vida corrente. Toma-se hoje um avião para determinada viagem, como se pode utilisar o combóio ou o paquete, com uma confiança serena.

A maneira mais segura de avaliar o progresso da aviação é ainda estabelecendo paralelo entre os diferentes *récords*, no início da conquista do ar e no momento presente. Em 20 de Maio de 1909 o francês Tissandier estabelecia o primeiro *récord* de velocidade com 54 km. à hora; no ano seguinte Leon Morane ultrapassava pela primeira vez os 100 km.-hora, realisando exactamente 106,km.508, o que significa que no curto espaço de quatorze meses a velocidade máxima das máquinas aéreas duplicara. Em 29 de Setembro de 1913, um outro francês, Prévost, elevava o *récord* a 203,km.850, máximo êste que durou sete anos porque o período da guerra desviou para outros campos menos desportivos as atenções dos inventores. Foi ainda a indústria francesa, que deu sinal de novo progresso, mercê dos esforços dos dois famosos pilotos Bernard de Romanet e Sadi Lecointe, que travaram entre si um duelo entusiástico no qual a vantagem ficou para o segundo, com 375,km.-hora, estabelecido em 15 de Fevereiro de 1923, e onde o primeiro encontrou uma morte gloriosa.

A partir desta época apossam-se os americanos da superioridade mundial, quatro vezes melhorando o *récord*, desde os 380,km.751 de Maughan, aos 418,km.171 de Bonnet (11 de Dezembro de 1924). Esta última velocidade foi obtida com um hidroavião e a partir desta data sempre estes aparelhos têm sido utilisados.

Em 4 de Novembro de 1927 o italiano de Bernardi alcança 479,km.290, e consegue no ano seguinte ultrapassar pela primeira vez os quinhentos quilómetros (512,km.776, em 30-3-1928).

Nos anos posteriores, os ingleses manteem-se senhores da situação e em 30 de Setembro de 1931, o tenente Stainforth, já *récordman*, alcançou os 657,km.076 do atual *récord*. Em doze anos a velocidade máxima no ar multiplicara-se doze vezes!

Iguais progressos se registam nos outros *récords*, demonstrando o aperfeiçoamento mecânico das aves humanas. Em 29 de Agosto de 1909, Latham subia a 135m e ao começar a guerra, o *récord* pertencia a Legagneux com 6.120m (29-12-1913). Em 16 de Setembro dêste ano que corre, o inglês Unwins atingiu 13.401m.

O prestigioso percursor Santos Dumont percorria, em 12 de Novembro de 1906, a distância de 220m, com regresso ao ponto de partida. Em 1913 Séguin tinha aumentado a distância máxima para 1021,km.200 e, desde o fim da guerra, graças aos aviões conduzidos por equipagens de dois pilotos, o número de quilómetros tem progredido de ano a ano, sendo atuais *récords* os 10.601,km.430 de Bossoutrot e Rossi, em circuito fechado, e 8.065,km.736 de Boardman ePolando em linha recta, unindo Nova-York a Roma num só vôo.

Finalmente a duração máxima que era em 1909, de 2 h 43.m 23.s (Paulhan), em 1914 de 21 h h8.m 45.s (Laudman), atingiu actualmente 84 h 32m. (Lee-Brossy de 25 a 28 de Maio de 1931).

Recorrendo porém ao reabastecimento durante o vôo, os americanos John e Kennett Hunter conseguiram permanecer no ar 23 dias 1 hora e 41 minutos!

Que longe de nós estão essas proesas que hoje nos parecem irrisórias, e ha vinte e cinco anos fizeram o assombro do mundo.

* * *

Efectuou-se recentemente em Paris um combate de box que teve um fim emocionante e trágico, nunca ainda registado nos anais do pugilismo. O negro Alfredo Brown, campeão do mundo dos meio-leves, encontrava uma vez mais o francês Emílio Pladner, adversário que batera nos anteriores matchs, há um mês ainda, no Canadá, pondo-o fóra de combate no terceiro round. Desta vez também a vantagem não lhe poderia escapar, mas Brown subiu ao ring em más condições físicas, ressentindo-se de uma indisposição febril que o atormentára na vespera; procurou, nesta contingência, liquidar as coisas o mais ràpidamente possível.

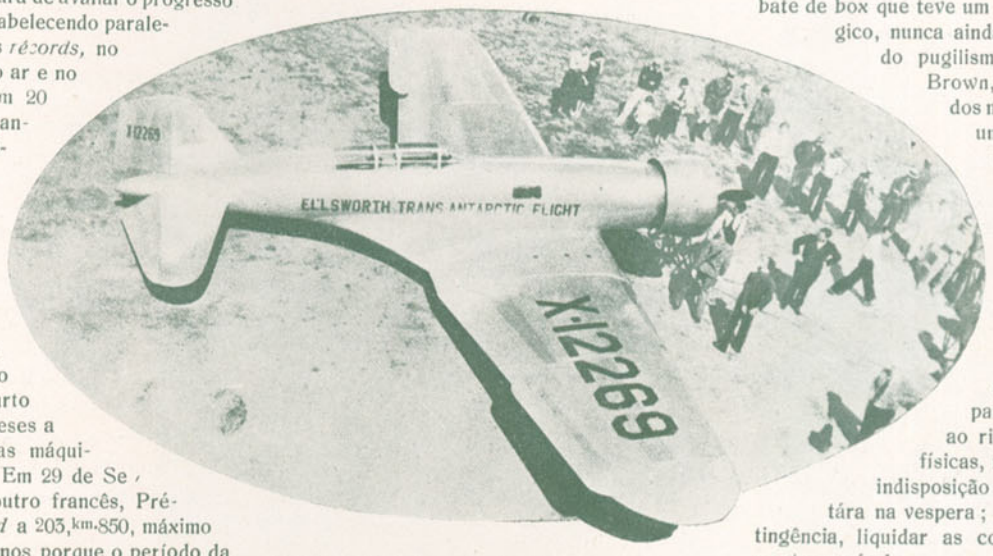
Atacou desde o início, alternando sem repouso esquerdas e direitas, deixando o rival seriamente marcado ao fim do primeiro round. Quando o goug soou para que recomeçasse o combate, o negro retomou a sua implacável tarefa destruidora e, por duas vezes, Pladner foi lançado ao chão, levantando se sempre com uma coragem admirável mas inutil. Sem lhe dar tempo a refazer-se, o campeão do mundo estendia-o inanimado com um fulgurante sôco da direita á ponta do queixo.

Até aqui o drama era banal. Mas ao regressar ao seu canto e sem que ninguem lhe tocasse, Alfredo Brown titubeou, e caíu desmaiado. Os dois contendores foram descidos do retangulo de luta, em braços e sem darem acôrdo de si.

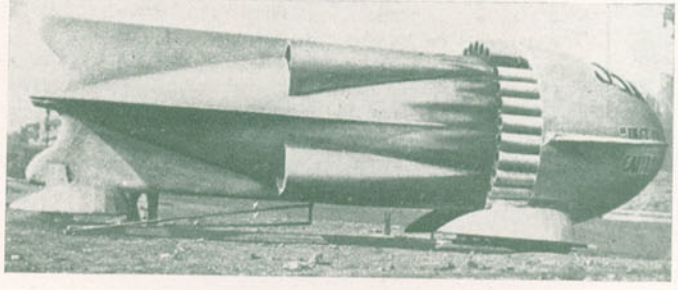
Brown foi condusido ao Hospital Americano, onde ficou alguns dias até completo restabelecimento.

* * *

Ha pessoas a quem a fatalidade persegue sob uma forma determinada e persistente; o mesmo acidente repete-se a praso numa extra-



O avião americano dum raio de acção de 5.000 quilometros destinado às explorações antarticas



Um curioso modêlo americano, ainda em estudo, de avião projectil para grandes velocidades

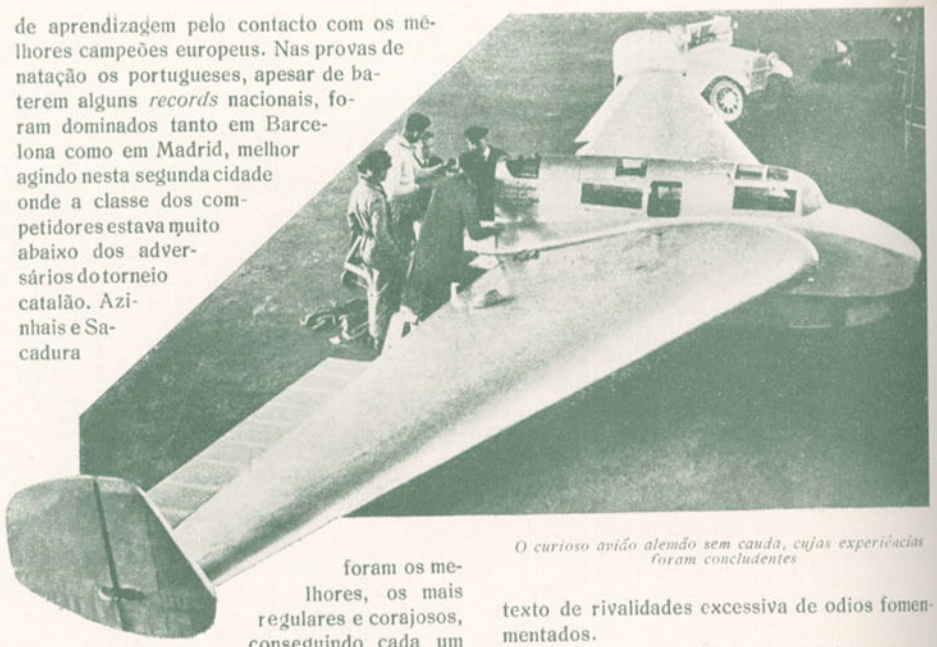
nha insistência. A celebre nadadora franceza Yvonne Godard, que fôra a Barcelona participar do certamen internacional a que também concorreram os portugueses, sofreu um desastre de automóvel quando se dirigia para a estação a tomar o comboio de regresso a França: resultado, três costelas partidas.

Ora no outono de 1931, ha portanto pouco mais de um ano, sucedera-lhe identico percalce e quási com as mesmas conseqüencias, pois fraturára duas costelas. Segundo referem os jornais parisienses êste é já o quinto desastre de automóvel que lhe sucede. É caso para não voltar a entrar num taxi!

Yvonne Godard, que no ano passado sofrera na sua forma pelas dificuldades de treino resultantes da lesão ocorrida, vê agora novamente comprometida a sua situação, pois receiam-se graves complicações de ordem pulmonar que talvez a impossibilitem de praticar novamente o seu desporto favorito.

* * *

Os nadadores do Sport Algés e Dafundo deslocaram-se a Barcelona e Madrid, onde foram tomar parte em festivais do desporto em que se especialisaram. A representação portuguesa, embora se não possa considerar brilhante, foi satisfatória para as nossas possibilidades; teve a vantagem de divulgar em competição internacional o nome do país e de proporcionar aos atletas lusitanos uma oportunidade excelente de aprendizagem pelo contacto com os melhores campeões europeus. Nas provas de natação os portugueses, apesar de baterem alguns *records* nacionais, foram dominados tanto em Barcelona como em Madrid, melhor agindo nesta segunda cidade onde a classe dos competidores estava muito abaixo dos adversários do torneio catalão. Azinhais e Sacadura foram os melhores, os mais regulares e corajosos, conseguindo cada um sua vitória na capital da visinha república. Moutinho de Almeida, que fôra creditado em Barcelona de um excelente tempo nos 100 metros, não repetiu a proeza, ressentindo-se em fadiga dos anteriores esforços, ou falho da inspiração que é indispensável à realização dos ótimos desportivos.



O curioso avião alemão sem cauda, cujas experiências foram concludentes

Em water-polo fomos mais felizes: nitidamente derrotados em Barcelona, onde os catalães nos brindaram com 8-1, os franceses com 9-1 e os checos com 9-0, retribuimos a generosa avalanche aos adversários madrilenos, batendo-os nos dois encontros por 9-3 e 11-1.

A excursão trouxe assim aos representantes portugueses uma proveitosa lição: pelos desastres de Barcelona compreenderam quanto estão longe da classe internacional e precisam trabalhar para a atingir, mas pelos triunfos de Madrid colheram também a impressão satisfatória de um valor médio alcançado à custa do seu persistente trabalho de treino, assegurando a certeza de possibilidades de progresso.

Não assistimos às provas da Catalunha, mas pelo que tivemos ocasião de verificar em Madrid, felicitamos os nadadores do Sport Algés e Dafundo, que souberam vencer e lutar com galhardia, mas sobretudo perder com elegância, conservando em tôdas as circunstâncias um espírito desportivo que se impôs à consideração dos adversários e grangeou tôdas as simpatias dos públicos. Bela propaganda e ótima obra de aproximação luso-espanhola.

* * *

A Hungria resolveu considerar o desporto um negócio de Estado, tomando o governo as redeas de toda a sua organização por intermédio de um delegado da sua confiança. Pretendem assim os hungaros desenvolver o índice desportivo da nação, preparando atletas que se imponham em competições internacionais e conquistem uma série de vitórias pacíficas que sejam outros tantos triunfos do país.

Esta orientação que imita, exagerando-o, o critério adoptado pelos italianos, traduz uma perigosa evolução do conceito oficial do desporto digna de ser ponderada meticulosamente, pois pode conduzir-nos ao completo deturpar da ideia, fazendo-lhe perder as virtudes de fraternidade social para a transformar num pretexto de rivalidades excessiva de odios fomentados.

O incremento formidável que o desporto assumiu nestes anos post-guerra, transformando-o na exteriorização mais popular da actividade física dos homens e elevando as suas grandes manifestações internacionais ao nivel dos acontecimentos de repercussão universal, sendo uma vantagem de propaganda é também um perigo de tentação constante ao falseamento da exacta finalidade desportiva.

O desporto deve ser essencialmente um agente de paz e aproximação entre as sociedades humanas; através das suas pugnas os adversários devem aprender a estimar-se mutuamente, lutando pelo prazer espiritual de vencer, de afirmar um valor e uma nergia, com lealdade, com cavalheirismo, com elegância e galhardia.

O espírito combativo do desporto, essencialmente nobre, evapora-se sem reservas no abraço que deve unir os antagonistas no final da competição.

* * *

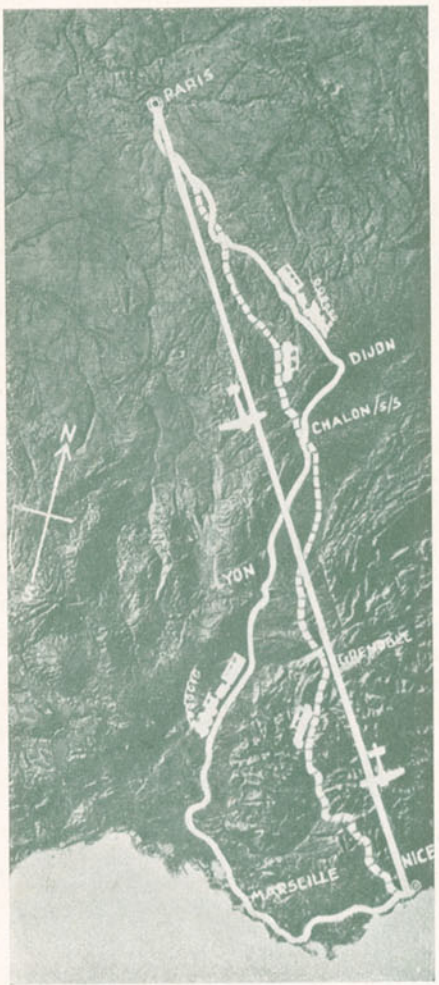
O campeonato de Lisboa de football, amarrado às dificuldades de dez clubes concorrentes prossegue, em marcha de caracol, o seu ingrato caminho. Até ao momento em que escrevemos, após quatro jornadas, as surpresas abundaram e a maioria dos clubes mantem situações que ainda lhe permitem tôdas as esperanças. O mais fraco contendor parece ser o Sacavenense, recem-promovido, e o Sporting ocupa o invejado lugar de *leader* com dois pontos de vantagem sôbre o União e o Casa-Pia.

É ainda cedo para fazer prognósticos mas podemos desde já considerar como uma das características da prova uma nivelação de valores ou uma irregularidade de forma que equilibra as situações, deixando apenas em destaque um ou outro participante.

O Belenenses, que na época passada conquistara o título de maneira muito discutida e num lamentável conflito dos vários a que o football tem servido de motivo, ocupa neste momento o penúltimo lugar e não conseguiu ainda uma única vitória.

Os restantes jogos de inverno dormem pacatamente o sono dos inocentes. Rugby, hockey, handball e basket esperam não sabemos o quê para iniciar as suas competições oficiais que por êste motivo se arrastarão depois em lamentáveis finais de época.

Salazar Carreira



Uma comparação ilucidante: de Paris a Nice:

Pelo comboio — 1.088 quilometros — 17 horas
Pela estrada — 860 » — 19 »
Pelo ar — 700 » — 4.30

O JULGAMENTO

dos homens públicos espanhois que colaboraram com Primo de Rivera

A «Esquerda Catalã» ganhou as eleições do Parlamento catalão obtendo 68 deputados, tendo Francisco Macia, alcançado cêrca de 200 000 votos

O deputado Franchy Roca, que está exercendo o cargo de Presidente do Tribunal Parlamentar de Responsabilidades

No dia 22 de Novembro começou em Madrid, na sala das sessões do antigo Senado, o julgamento das individualidades militares e políticas que colaboraram no golpe de Estado e na ditadura do General Primo de Rivera. Dos 24 réus, compareceram apenas 16. Dois estão doentes e os restantes encontram-se homiziados no estrangeiro. Os defensores são: José Primo de Rivera, filho do falecido ditador, para Galo Ponte; o deputado Pita Romero, para o General Berenguer; o deputado Martinez Velasco, para o General Aizpuru, e Gil Robles, para os restantes réus.

A Comissão de Responsabilidades acusa os generais e os políticos, colaboradores de Primo de Rivera, de "como auxiliares necesarios del delito de alta traición, que como fórmula jurídica resumió todos los del acta acusatoria formulada contre el que fué rey de España, don Alfonso de Borbón, los siguientes señores: presidente y generales del primer Directorio militar, llamado provisional, don Leopoldo Saro, don José Cavalcanti y don Federico Berenguer; el ministro de la Guerra, don Luis Aizpuru, y capitán general de la primera región, que desempeñaban esos cargos el 13 de Septiembre de 1923 del segundo Directorio militar: don Adolfo Vallespinosa, don Antonio Magaz, don Francisco Gómez Jordana, don Luis Hermosa, don Luis Navarro y Alonso de Celada, don Dalmiro Rodríguez Pedré, don Mario Muslera, don Antonio Mayandía, don Francisco Ruiz del Portal y además, los señores que desempeñaron los cargos de ministros de los Gobiernos presididos por Primo de Rivera desde Diciembre de 1925 al 28 de Enero de 1930 — la llamada "Dictadura civil" —: don Severiano Severiano Martínez Anido, don José María Yanguas, don Galo Ponte, don Honorio Cornejo, don José Calvo Sotelo, don Eduardo Callejo, don Rafael Benjumea, don Julio Ardanaz, don Eduardo Aunós, don Mateo García de los Reyes, don Sebastián Casted y don Francisco Romero Zuleta."

OS POLITICOS ESPANHOIS QUE ESTÃO SENDO JULGADOS: 1—General Berenguer, 2—General Cavalcanti, 3—General Saro, 4—Almirante Magaz, 5—General Gomez Jordana, 6—General Vallespinosa, 7—General Hermosa, 8—General Navarro y Alonso de Celada, 9—General Rodriguez Pedré, 10—General Muslera, 11—General Mayandia, 12—General Ruiz del Portal, 13—General Martinez Anido, 14—Honorio Cornejo, 15—General Ardanaz, 16—General Garcia de los Reyes, 17—Yanguas Messia, 18—Galo Ponte, 19—Calvo Sotelo, 20—Callejo, 21—General Guadalhorce, 22—General Aunos, 23—Castedo e 24 conde de los Andes.

O julgamento vem decorrendo há oito dias. O tribunal constituiu-se ocupando a presidência o deputado Franchy Roca, que acumula as funções parlamentares com a de Procurador da República. Os julgadores são 21 deputados: cinco socialistas, quatro radicais, três radicais-socialistas, dois catalães, um da Acção Republicana, um conservador, um agrário, um vasco-navarro, um federal, um galego e um do Grupo ao Serviço da República.

O lugar de promotor de Justiça é ocupado pelo deputado e delegado do Procurador da República, Emílio Gonzalez Lopez.

A-pesar-do deputado Royo Villanova ter pedido a absolvição de todos os réus, o promotor de justiça no primeiro dia do julgamento, classificou de grande rebelde, Afonso XIII e pediu para todos os outros — como já havia pedido a Comissão de Responsabilidades — o destêrro, por 20 anos e a perda completa de todos os direitos civis e militares por igual tempo.

BERLIM

A CAPITAL DAS ESTATUAS

O lindíssimo monumento a Goeth

Todas as cidades catalogadas em *gros-plans* pelos guias internacionais de turismo, apontadas nos *Baedeckers*, que os *Wagons-Lits* nos indicam como dignas de serem visitadas e que tentam as bolsas dos argentários, têm a sua característica especial que as celebrisa aos olhos curiosos do estrangeiro que viaja, que coleciona, como um filatelista, rótulos de hoteis, fotografias de cidades, a pose indispensável junto dum monumento histórico, para mais tarde, na velhice, poder dizer aos netos em noites invernosas:

— Subi ao alto da Torre Eifel... Fui ao Pão de Açucar e ao Corcovado... Vi os *fiords* da Noruega... etc... etc...

Das oito capitais que conheço, que tenho bisbilhotado em peregrinação jornalistica, guardo, avaramente, recordações que jamais se apagarão, que me acompanham como deliciosos *souvenirs* na curva da minha vida. Por vezes, em noites altas, quando o cansaço me faz tombar sôbre a secretária onde trabalho, sonho com a alegria *Jazz-bandesca* dos *cabarets* alemães, com o encanto das mil e uma flôres dos jardins da Holanda, com o panorâma lunático das montanhas que fazem cintura ao Rio de Janeiro.

No meu album de lembranças têm lugares de honra Praga, a vetusta capital da Boémia, eriçada de tôrres que atingem uma centena, onde vive bem latente a alma generosa, mixta de cigana e de burgueza, dos boémios; Haia, onde se acolhe timorata e gentil a futura rainha da Holanda, a princesa Juliana de olhos de esmeralda; Bruxelas, a mártir da invasão germânica; Riga, a capital da Letónia, a cidade que durante dois séculos sofreu o jugo russo; Kaunas, a irmã de Wilna, antigo quartel-general dos alemães na sua invasão contra a Rússia; Talin, que durante três dias viveu na minha intimidade, que é ante-câmara da república dos soviets; Rio de Janeiro, a mais bela cidade das Américas, onde a cada momento se esbarra com o esfôrço herculeo dos portugueses e Berlim, a velha capital da orgulhosa Germânia, ninho da altiva águia dos prussianos.

Martin Luthero

Uma das estátuas de Guilherme II

Mas os guias de turismo, os cartazes que ilustram as *gares*, falam-nos ainda de Veneza, a dôce rainha do Adriático, onde em espírito se vive a época galante das gondolas e dos suspiros de amor... Lisbôa, das sete colinas, do Tejo romântico e sonhador; Roma, dos Papas, a cidade Eterna; New-York, a Babel do século XX, desafiando a ira do céu com os seus *buldings* e Moscow dos *tzares* sanguinários, de Ivan, o Terrivel.

Mas Berlim, figura principalmente na literatura turistica como sendo a capital das estátuas de bronze e de pedra que se erguem numa multiplicidade espantosa por todos os cantos, a cada passo, nas praças e nas ruas, nos jardins particulares e nos bosques que a embelezam, todas elas evocando os faustos guerreiros dos chefes saxões ou a inteligência de alguém que foi entre os seus semelhantes um verdadeiro gigante.

Berlim é um relicário histórico, um capítulo da obra que consagrou César Cantu, a Pátria de Bismark, de Frederico, o Grande, de Hindenburgo... É o centro de maior cosmopolitismo eslavo e anglo-saxão da Europa... A segunda cidade do Velho Mundo em população e movimento, a capital das estátuas.

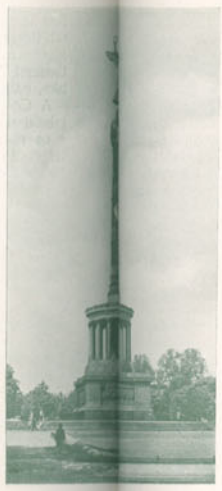
Não há cidade no mundo, onde, com mais justiça os vindouros têm sabido glorificar os que foram grandes entre os grandes, no desejo aceitável e nada ridiculo de guindarem às mais altas esferas aqueles que esculpiram o seu nome em letras de ouro no rodar dos anos... Aqui, em Berlim, topam-se a cada instante monumentos aos que bem serviram a Pátria, quer conduzindo os Exércitos à Vitória, sedentos de sangue e de conquista, quer enriquecendo com trabalhos e outras obras o património artístico e cultural da Alemanha, elevando-a, engrandecendo-a aos olhos das outras nações.

A catedral ortodoxa de S. Jorge

A estátua é a fórmula mais dignificante de se homenagear a memória dos que a Pátria honraram nobremente, heroicamente...

A febre de erigir estátuas nesta capital de quatro milhões e meio de pessoas, nasceu com o triunfo das legiões guerreiras de Bismarck sôbre os exércitos de Napoleão III, no dia em que foi necessário perpetuar através dos séculos que se iam suceder, a retumbante vitória dos prussianos sôbre os latinos, dos filhos de Átila sôbre os descendentes de Carlos Magno...

Quando em 71 o exército invasor entrou triunfante em Paris, impando de glória, a Alemanha, poderosamente forte, embriagada com o delirio da conquista e na ânsia de perpetuar na história dos tempos o seu passado e seu presente firmado já em letras de oiro e tresandando ao cheiro acre da carne queimada em Sedan, começou a erguer monumentos aos herois nacionais, a reproduzir na dureza do bronze a austeridade dos traços das grandes figuras, para que os seus feitos que a mocidade sabia de cor, servissem de estimulo às novas gerações, aos soldados de 1914-1918, aos filhos e netos dos vencedores de 1870.



A coluna comemorativa de 1870

Há quem discorde, quem condene o espírito da independência da Alemanha dos nossos dias que vive agarrada à letra dos tratados que ela ao princípio calcou... Há quem não compreenda ou cerre os olhos às razões que a Alemanha invoca quando pede a revisão do tratado de Versailles, a maior injustiça do século XX. Há ainda quem defenda o princípio de que a Alemanha devia ter sido retalhada em muitos pedaços, criando várias repúblicas, como se fôsse possível separar irmãos de irmãos, há anos, passeava a cavalo nas tardes amênas da Primavera a côrte brilhante de fardas de Guilherme II... É o paraiso dos amantes para os seus idílios de amôr, e continua a ser o jardim encantado, um jardim de fadas, onde se erguem, de entre formosos macissos de verdura, estátuas em bronze e em pedra, guerreiros e principes, generais, poetas e santos, figuras da lenda e do amôr... São evocações de todos os grandes da Prússia, dos seus reis que foram também imperadores da Alemanha, dos que transformaram em legiões invenciveis os descendentes de Átila. São gigantes em atitudes marciais com quem se aprende com emoção a história dum povo que não quere morrer, e que agora, de àlém túmulo, devem ter tremido de vergonha quando os exércitos do último Kaiser foram constrangidos a mendigar a Paz, quando a *águia* germânica caíu derrubada aos pés do *galo* francês... De costas para o Reichstag e olhando bem de frente a estátua da Vitória, é Bismarck, o Chanceler de Ferro que esmagou a França em Sedan e que deu unificação à Alemanha... É *von* Molke, um dos grandes cabos de guerra da Europa... E' Guilherme I, é Martin Luthero que desafiou Roma e a Igreja Católica Apostólica Romana... É Goeth, é Wagner, é Frederico o Grande, que sei eu?, são todos os que construiram a Alemanha e que concorreram para o seu engrandecimento.

No Tiergarten vive tôda a história da secular Germânia, o apogeu dum povo que ambicionou conquistar o mundo, que quiz imitar, no século XX, o que nós portugueses tinhamos sido 500 anos antes.

Porque na febre incontida das estátuas, até dois dos maiores portugueses dos séculos XV e XVI, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, cuja passagem pelo mundo foi um rasto de luz e de ciência para tôda a humanidade, mereceram aos alemães a homenagem que ainda nós não prestamos ás suas memórias.

Na cidade de Hamburg, na ponte que liga o porto franco com a urbe, na *Kornhaus Bruecke*, ao lado das estátuas de Cook e Colombo, o conquistador da Nova Zelandia, e o descobridor do Novo Mundo, lá figuram, e em lugares de honra, a do vencedor do caminho marítimo para a India e a do primeiro navegador que deu a volta á Terra.

O Parlamento

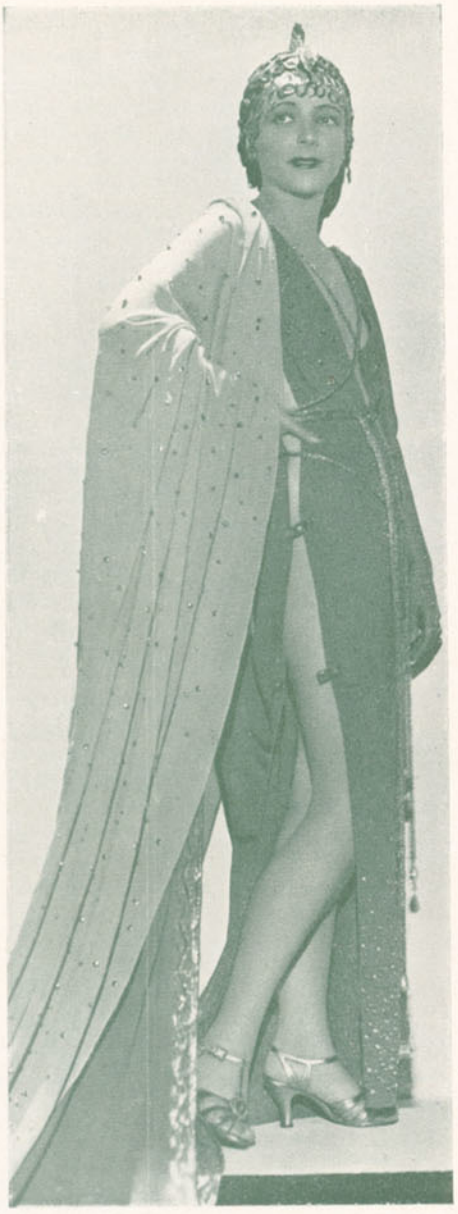
O culto pela estátua está tão radicado no espírito dos alemães como a adoração mistica e religiosa vive latente no coração do católico sinceramente crente. Desde criança o alemão aprende a venerar e a respeitar a memória dos que escreveram páginas de ouro na biblia nacional e durante a sua passagem pelas escolas, os mestres têm sempre o cuidado de lhes incutir nos ânimos o princípio de que a Alemanha só pode ser grande e poderosa quando os seus filhos imitarem os que passaram á prosteridade. Depois, ao transitarem para os liceus e mais tarde para as Universidade, os jovens alemães com o espírito fortalecido por uma sã educação ensinada e aprendida em lições de heroismo, sentem-se orgulhosamente superiores, confiantes de que são invenciveis. Marcharão para a luta, para a Morte, com a indiferença estóica dos antigos espartanos, porque sabem que a Pátria agradecerá o seu esfôrço.

A estátua equestre de Frederico, o Grande

Foi com esta impressão que eu fiquei da bela cidade do Reich, a grande capital dum país que merece a admiração de todos.

Armando de Aguiar.

Bismarck enfrentando a estátua da Vitória



Uma figurante do filme «O Sinal da Cruz»

CINEMA

REVISTA DAS ESTREIAS

«Titans do céu», o filme com que a «Metro» inaugurou a apresentação dos seus programas na presente época, foi, em nosso ver, a melhor estreia efectuada no lapso de tempo que esta crónica abrange. Embora não isento de defeitos, o filme impõe-se por uma técnica que atinge a virtuosidade e em que a supremacia indiscutível do cinema americano se afirma mais uma vez. Tudo quanto é possível realisar em matéria de cenas áereas, acrobacia ou simulacros de bombardeamento, se acha condensado nêste filme que forma por isso, no seu conjunto, um documentário de alto valor.

Por outro lado, o argumento é mediocre. Tem um desenvolvimento irregular, deixando por vezes a acção suspensa durante largas cenas. Todo êle gira em volta da figura pitoresca do mecânico brutal e incorrigível, interpretada por Wallace Beery, que tem o melhor trabalho do filme. Os restantes actores, Clark Gable e Conrad Nagel em especial, ajustam-se bem a êste excelente desempenho.

O film é dialogado em francês pelo processo do «dubbing», sendo admirável o ajustamento quási perfeito da tradução em que é difícil notar faltas. Os resultados atingidos são de molde a desejar que o processo venha a ser aplicado á nossa língua o que viria ajudar a resolver o problema do fonocinema em Portugal com justa satisfação para todos os portugueses.

Outro filme, cuja estreia se aguardou com interêsse, foi «O Tigre do Mar Negro». Trata-se dum filme de Bancroft, tendo por fundo a discutida revolução russa de 1917. E êsses dois pormenores conjugados justificavam a espectativa em que havia tanto de curiosidade como de desconfiança.

Afinal, «O Tigre do Mar Negro» mostrou ser uma produção medíocre. Bancroft tem um desempenho que fica a grande distância dos seus anteriores trabalhos. A revolução assume as proporções modestas de um acaso. Não tem a grandeza duma profunda transformação social e é dominada pela figura rude e impetuosa do marinheiro revoltado. É contudo de justiça reconhecer que o filme não foi realizado com paixão e que há nêle um inteligente esforço de compreensão dos sentidos obscuros das massas revolucionadas.

Miriam Hopkins, que contracêna com Bancroft, é uma actriz de qualidades e êste filme cria-lhe novos direitos à nossa admiração.

O Central obteve apreciável êxito com «Ingaghi», o pseudo-documentário das florestas do Congo a que noutro lugar e mais de espaço nos referimos. A acompanhar êste filme, exibiu-se *O atraso do rápido 13*, uma película policial de argumento absurdo e assaz mal interpretada, mas dotada duma certa originalidade que permite acompanhar sem enfado a sua complicada teia de aventuras.

No género de espectáculos ligeiros, para prazer dos olhos e dos ouvidos, admirámos duas operetas — «Uma hora contigo» e «Um sonho dourado». Em ambas o público pôde encontrar música até à saciedade. Apesar, porém, da virtuosidade de Eric Pommer, pode afirmar-se que «Uma hora contigo» superou em graça e interêsse a produção alemã. Chevalier - Jeanette Mac Donald e Henry Garat - Lillian Harvey foram dois pares admiráveis, como todos esperávamos. Excluída da questão a diferença entre os filmes que já acentuámos, não sabemos a qual dêstes dois pares atribuir superioridade.

Por último merece ainda referência, pelas circunstâncias especiais que a rodeiam, a produção de Sternberg, estreada simultâneamente em dois dos cinemas da capital e que tem por título «Uma tragédia americana».

O filme a que nos estamos referindo foi extraído duma obra de Theodore Dreiser, romancista e filósofo norte-americano. Como livro, «Uma tragédia americana» obteve nos Estados Unidos um êxito enorme. É uma crítica severa aos costumes e à própria civilização dêsse grande país, que provocou discussões apaixonadas. Daí a idea de transportar o assunto para o cinema.

Quando Eisenstein visitou Hollywood, a «Paramount» que o havia contratado reservava-lhe o trabalho de realizar êste filme. Não se adaptou, porém, o espírito independente do artista ás limitações que lhe eram impostas pela empresa e que visavam o êxito comercial do filme. Dêste modo, não foi possível chegar a acôrdo. Eisenstein rescindiu o contrato e a «Paramount» encarregou da realização Josef von Sternberg.

O resultado foi o filme agora estreado e que não é exagêro classificar de obra falhada. São grandes, sem dúvida, os merecimentos de Sternberg mas a sua acção não se faz sentir de modo sensível no filme. De resto, a adaptação apresentava grande número de dificuldades. O romance é o estudo exaustivo duma personalidade, protótipo da mocidade americana em que se reunem todos os vícios a ela inerentes. Da impossibilidade de fazer o espectador seguir, durante uma hora e meia ou duas de projecção, a evolução completa dessa psicologia durante um longo período de anos, resultou o carácter intermitente da acção. Por outro lado o filme não é uma versão exacta do romance e muitas das suas críticas mais acerbas estão atenuadas e até suprimidas.

A-pesar-de tudo, «Tragédia americana» é um filme digno da atenção dos que se interessam pelos problemas norte-americanos e de todos que não conhecem o romance. É um quadro, exagerado talvez, dos costumes da mocidade americana, mas denuncia com vigor os pontos fracos duma civilização que erra o seu objectivo. Algumas criações anormais e condenáveis dessa civilização são aí julgadas com rigor. A publicidade cruel e desmedida, o jornalismo de escândalos destinado a satisfazer os gostos doentios do público e que não poupa a dor duma mãi, são mostrados sob o seu verdadeiro aspecto, brutal e revoltante. É essa a grande virtude do romance que Sternberg adoptou à tela, sem originalidade nem independência.

Só há a registar a interpretação que é notável da parte de Frederic March e Sylvia Sidney. Esta notável actriz, em nossa opinião uma das maiores do cinema americano, têm uma extraordinária criação num papel curto que não lhe oferece muitas oportunidades, o que mais põe em relêvo a sua grande arte.

Manuel L. Rodrigues.

Sari Maritza num filme sôbre as ilhas do Pacífico

A linha elegante de Frances Dee

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

Sedução e "Sex-appeal"

NÃO é talvez errado supôr que três quartas partes do êxito do cinema dependem da beleza feminina e o restante das suas qualidades específicas.

O cinema tem prodigalizado aspectos da beleza do sexo fraco em quási todas as fases da sua evolução. Tem-na mesmo utilizado com imoderação, contrariando por vezes a lógica e criando uma nova convenção artística — a dum mundo de criaturas fisicamente perfeitas.

Não há que o censurar pelo facto. E se tocámos no assunto, foi apenas no intuito de o apreciar em dois dos seus aspectos dominantes, que representam outras tantas concepções da beleza — a sedução e o «sex-appeal».

Veio-nos da América do Norte esta última expressão, hoje popularizada entre o público que freqüenta cinemas. Por ela se designa, com certo cinismo, a beleza provocante que exacerba certos instintos primários da espécie. É «sex-appeal» a beleza forte e insolente de Clara Bow, de Joan Crawford, de Jean Harlow... a beleza vigorosa das formas animadas por uma ânsia enorme de viver. A sua origem só podia encontrar-se entre êsse povo, ainda na infância e já decadente, que habita o norte do continente americano.

Fora dêsse vasto território, um conceito de beleza mais elevado existia já. E o cinema europeu não podia deixar de reproduzir essa beleza diferente, feita de graça e espiritualidade, que assenta nas veneráveis tradições da beleza helénica.

Daí a oposição entre os conceitos europeu e americano da beleza. Entre a sedução, que prende o espírito, e o «sex-appeal» que se dirige aos sentidos. Entre Clara Bow e Lillian Harvey, se quisermos simbolizar as duas tendências diversas.

Qual delas triunfará?

Esperamos que a última palavra no assunto caberá à beleza latina, feitas de seduções e graças. Quanto ao «sex-appeal», é, sem dúvida, um facto transitório na história duma civilização e será assimilado por outro conceito de beleza mais artística se essa civilização se orientar num sentido superior. — M. R.

* * *

Não está afastada a hipótese de Greta Garbo voltar à América. Os boatos dum afastamento definitivo da tela parecem cada vez menos dignos de crédito e, a fazer fé em algumas informações, a popular *estrêla* mantém relações com os empresários norte-americanos que não desistiram, por enquanto, de voltar a incluir o seu nome na lista dos grandes artistas.

Em todo o caso, o regresso de Greta Garbo não se fará antes de Abril. As leis que regulamentam a imigração na América do Norte não permitem que mais cêdo a artista ali possa entrar.

* * *

Ramon Novarro está interpretando «O Filho do Sol», em que tem o papel dum jóvem chinês. Para dar a maior realidade a esta criação, Ramon Novarro decidiu-se a rapar o crânio como uma bola de bilhar.

É de esperar que êste caso de consciência profissional provoque desapontamentos em muitas das suas admiradoras. Mais digno de admiração é por isso o conhecido artista que não hesitou sacrificar os seus cabelos ao realismo da interpretação.

* * *

Estreou-se em Hollywood o filme «A Venus Loira», a que já por diversas vezes nos temos aqui referido e que é interpretado por Marlene Dietrich, sob a direcção de Sternberg.

A obra vinha precedida duma grande nomeada pelo conflito a que deu origem entre a «Paramount» e êstes dois artistas, em que muitos pretendem ver um expediente de publicidade.

A crítica, apreciando a obra faz justiça ao grande trabalho de Sternberg e à interpretação notável de Marlene Dietrich. Põe, porém, algumas reservas quanto ao entrecho que não tem um desenvolvimento uniforme, conquanto seja cheio de interêsse.

* * *

Está anunciada a realização dum filme bastante original e que constituirá uma curiosa surpresa para todos os cinéfilos se de facto vier a ser pôsto em execução.

O argumento, na sua essência, é vulgar: um multi-milionário excêntrico decide legar a sua fortuna a nove pessoas designadas ao acaso. É essa circunstância que dá origem a nove episódios variados. Cada um dêles será realizado por um encenador diferente que terá a seu cargo um grupo de artistas à volta do qual o episódio se desenvolve. Os nove realizadores trabalharão à parte, inteiramente entregues à sua imaginação e o produto do trabalho de todos será depois reunido no mesmo filme.

Poderemos então apreciar nove interpretações diversas dum acontecimento idêntico, o que se vai prestar a comparações e comentários cheios de interêsse.

* * *

Leni Rieffensthall, a intrépida actriz de filmes de alpinismo como «Os Prisioneiros da Montanha», regressou agora da Groelândia onde interpretou para a Universal «S. O. S. Iceberg».

Tomou para isso parte na expedição comandada por Fanck que percorreu as vastidões geladas dos mares boreais, fazendo-se acompanhar de todo o material técnico necessário à realização do filme, um avião e alguns ursos brancos enjaulados.

O facto de conduzirem ursos polares explica-se por êste animal ser difícil de encontrar e a expedição não querer perder tempo a esperar uma oportunidade. Assim, as féras foram postas em liberdade no seu meio natural, e uma vez terminada a filmagem, mortas a tiro. Procedendo assim os membros da expedição obedeceram a uma disposição do Govêrno dinamarquês que autorizou a importação dos ursos sob condição de serem depois mortos, para evitar que fossem mais tarde caçados pelos indígenas e transmitissem a êstes qualquer doença trazida dos climas temperados.

Jeanette MacDonald numa atitude de abandono

CINEMA

INGAGHI

Se quási sempre o cinema é ficção, não basta isso para justificar mistificações grosseiras, sem valor artístico nem interêsse sério.

Existem duas espécies de cinema, considerado êste quanto à sua *realidade*: um, livre produto da imaginação e da fantasia, em que tudo é legítimo desde que tenha por fim a sugestão artística; outro, documental e verdadeiro, em que só o pormenor exacto deve caber.

Pretender misturar a verdade com a ficção e impô-la depois ao público com uma falsa garantia de realidade é sempre ridículo e nalguns casos condenável. O documentário tem as suas responsabilidades. Exerce na cultura do público um lugar que não é para desprezar. Falsificá-lo é desviá-lo da sua missão, é espalhar entre a massa amorfa dos espectadores conhecimentos erróneos. E nunca o interêsse particular do comerciante pode justificar isso.

Há um género de documentários, por exemplo, que goza entre o público de elevado apreço. É o das reportagens realizadas no interior do grande continente africano. Nunca êsse interesse do público se desmentiu através da série já longa de películas do género exibidas entre nós.

Por vezes, o interêsse do espectáculo ou as exigências do argumento, obrigaram o realizador a recorrer a um outro pequeno *truc*. Sempre reprovámos o facto, defendendo o princípio do documentário puro, que não é incompatível com a arte. Mas nêstes casos sempre ficava o fundo da obra, documento recheado de preciosos ensinamentos que bastavam para suprir êsses pequenos êrros.

Está nestes casos «Trader Horn». Alguns *trucs* hábeis não o impedem de ser o maravilhoso documentário dum extenso cruzeiro através da selva africana. E as revelações que dessas paragens inóspitas nos trouxe compensam, largamente, alguns pormenores falsos introduzidos na obra.

Mas nem sempre assim sucede. Por vezes a mistificação é completa. Vai, pràticamente, da primeira à última cena, acumulando pormenores errados, mentiras grosseiras, *trucs* revoltantes. Uma dessas mistificações é *Ingaghi*, o *documentário de África sem «trucs»* como a publicidade o pretendeu impor ao público, e é êla que justifica estas considerações. Convém que se saiba que *Ingaghi* não é um documentário de África pela simples razão de que foi realizado em Hollywood. As paisagens do Congo são o que de melhor foi possível arranjar nas margens do rio Los Angeles. As feras, que os caçadores afrontam com tão impressionante destemor, são tôdas velhas *habitueés* das *ménageries* da Califórnia. Os selvagens, claro está, falam todos regularmente o inglês e exercem em Hollywood as mais diversas profissões — engraxadores, criados de café, etc.

Por tôda a parte a mistificação teve o acolhimento que merecia. Recebida de começo com curiosidade, em breve os seus *trucs* grosseiros se tornaram evidentes. «Photoplay», uma das mais categorizadas revistas norte-americanas de cinema, não hesitou em denunciar a fraude no seu editorial pedindo para o filme uma rigorosa *boicotagem*. E a idea frutificou porque todos os grandes distribuïdores da América do Norte se recusaram a incluir o filme nos programas, pondo assim o justo ponto final à sua carreira aos *écrans* americanos.

«Motion Picture», outro importante órgão da Imprensa cinematográfica americana, revelou aos seus leitores, num artigo cheio de humorismo, alguns pormenores da realização do filme. Por êles se soube que o *animal desconhecido* revelado pelos exploradores à ciência, não é mais do que um vulgar cágado *camouflé* com uma qualquer pele. O caçador é Arthur Clayton, um actor medianamente conhecido nos meios cinematográficos e que nunca pôs pé em África.

Para terminar, resta dizer que o terrível gorila que preenche as cenas de maior sensação do filme se chama, na vida real, Charles Gemora, e é actor especializado nesse género de papeis, para os quais possue um vasto guarda-roupa de peles de antropoide.

Apesar do segredo de que foi rodeada a realização do filme, um incidente inesperado veio revelar a sua verdadeira origem. Foi o caso de que o «gorila» requereu do tribunal o pagamento de certa quantia que, em sua opinião, os organizadores do filme lhe haviam ficado a dever pelo seu trabalho. Durante as investigações do assunto, que se seguiram, a verdade apurou se em tôda a sua extensão.

Como se vê todos êstes factos seriam ridículos se não fôssem condenáveis. Conhecidas as condições em que foi realizado o *verídico documentário* das florestas do Congo, o filme assume aspectos de farsa de que o espectador de boa fé não terá apercebido. Mas a par dêsse aspecto ridículo existe um outro, o da influência exercida pelo filme no público desprevenido. E essa é de todo o ponto merecedora de severa crítica.

Entre o público numeroso que durante muitas noites assistiu à passagem do filme, ficaram disseminadas ideias falsas sôbre história natural, conceitos errados sôbre as populações negras, uma série, enfim, de conhecimentos absurdos baseados na fantasia disparatada dum realizador.

Tudo isto seria leviandade pretender que não tem importância. Entendemos até que as atribuições da censura deveriam aplicar nestas questões o seu zêlo, com o que lucraria o cinema e o público.

Não nos animam más vontades e reconhecemos que muito deve o desenvolvimento da cinematografia em Portugal à empresa que apresentou êste filme. Não nos repugnaria por isso crer que os exibidores teriam sido iludidos na sua boa-fé por desconhecimento dos factos que deixamos expostos. Mas até lá só nos cabe criticar a obra e denunciar os prejuizos que ela pode causar.

A crítica, dum modo geral, colaborou nesta grosseira mistificação. Consciente ou inconscientemente? Ignoramo-lo também, e não nos compete averiguá-lo.

Não temos em vista prejudicar a exibição dêste filme que tão grande êxito conquistou já. Pretendemos apenas expor a verdade sôbre o assunto e marcar o nosso protesto para evitar a repetição dêstes factos.

Quanto ao público que esgotou as lotações, talvez lhe não seja indiferente saber que foi ludibriado.

Stymie, o negrinho da Pandilha, ao centro e o seu novo companheiro, Spanky

Concurso fotográfico entre amadores

organizado pela

"ILUSTRAÇÃO"

666 — Na embalagem de origem... — *(Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)*

669 — Pescando — *(Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)*

670 — Uma encomenda... — *(Foto da sr.ª D. Maria Noemi R. de Araujo — Funchal)*

667 — Procissão do santissimo em Lourdes — *(Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)*

668 — Na Suissa portuguesa — *(Foto do sr. Carvalho Subtil — Lisboa)*

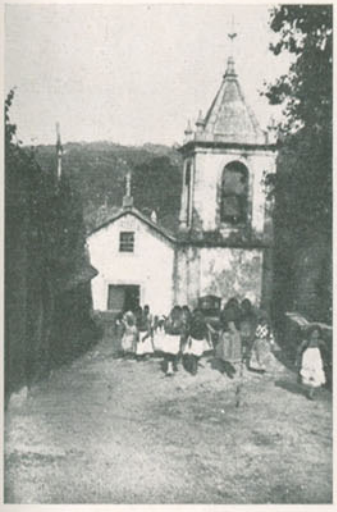
671 — Apanhando grilos — *(Foto do sr. A. Ferreira — Povoa de Varzim)*

672 — S. Martinho — *(Foto do sr. Carvalho Subtil — Lisboa)*

673 — A' tarde — *(Foto do sr. Francisco Suspiro — Coruche)*

674 — Lavando — *(Foto do sr. Henrique João da Cruz — Olhão)*

675 — Linha ferrea — *(Foto do sr. Mario Candido Regueira — Coimbra)*



676 — Saindo da catequése — *(Foto do sr. João S. Silva Ribeiro — Guimarães)*

677 — Estátua D. José — *(Foto do sr. Eugenio da Cunha e Silva — Lisboa)*

678 — Mosteiro de Alcobaça — *(Foto do sr. José Fernandes Junior — Lisboa)*

679 — Agua — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)*

680 — Rossio — *(Foto da sr.ª D. Maria Noemi Rodrigues de Araujo — Funchal)*

681 — Feira de gado — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)*

682 — Zebra — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)*

683 — Barcos em terra — *(Foto do sr. J. P. Mendonça — Faro)*

684 — Um casal perto dos cem... — *(Foto do sr. Desideu A. Coimbra — C. de Besteiros)*

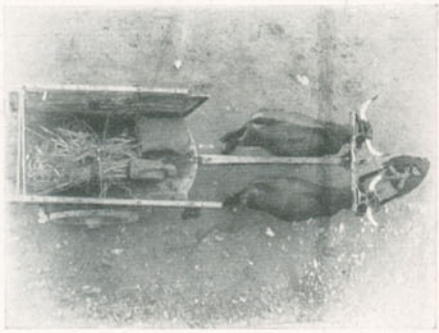
685 — Com rumo ao pasto... — *(Foto do sr. Adalberto Ferreira — Povoa do Varzim)*

686 — Neve nos pinheiros — *(Foto da sr.ª D. Judite de Carvalho Bastos — Lisboa)*

687 — Varzelas-Caramulo — *(Foto do sr. Alvaro Vieira da Silva — Caramulo)*

688 — Mirante de Evora — *(Foto do sr. Mario da Gama Freixo — Lisboa)*

689 — Ao entardecer — *(Foto do sr. H. Botelho — Vila Pouca de Aguiar)*



690 — Carro de bois — Costumes regionais — *(Foto do sr. Edgar dos Santos — S. Pedro do Sul)*

691 — Colhendo flores... — *(Foto do sr. C. Almeida — Vila Real)*

692 — Passeio á Foz — *(Foto do sr. A. F. de Carvalho — Lisboa)*

693 — Surpreza — *(Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)*

694 — Manos amigos — *(Foto do sr. Alfredo Barbosa — Amarante)*

695 — Amendoeiras?... nao! — *(Foto do sr. Artur Santa Barbara — Lisboa)*

696 — Isto é que é trabalhar... — *(Foto do sr. Idevor P. de Mendonça — Borba)*

697 — Um par de namorados — *(Foto do sr. Antonio J. T. de Carvalho — V. Fernando)*

698 — A cruz da ponte — *(Foto do sr. Silva Teixeira — Coimbra)*

699 — Moura velha e andrajosa — *(Foto do sr. João P. Mendonça — Faro)*

700 — Distraindo-se... — *(Foto do sr. Alfredo Barbosa — Amarante)*

701 — No jardim... — *(Foto do sr. Alfredo Barbosa — Amarante)*

702 — Fonte do Alardo — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)*

703 — Rio Dão — *(Foto do sr. Alfredo Nunes — Lisboa)*

704 — Missa ao ar livre — Lourdes — *(Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)*

705 — Guardando ovelhas... — *(Foto do sr. Edgard Santos — S. Pedro do Sul)*

706 — Bilhas — *(Foto do sr. J. M. — Lisboa)*

707 — Mãi e filhos... — *(Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)*

708 — Contra-luz — *(Foto do sr. Manuel Dias Ferreira — Lobito)*

709 — Malhadores — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)*

710 — Malhadores — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)*

711 — Feira da Saúde — *(Foto do sr. dr. Jaime da G. Mira — Messines)*

712 — Claustro da Serra do Pilar — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)*

713 — Cavando o faval... — *(Foto do sr. Francisco Suspiro — Coruche)*

714 — No regato — *(Foto do sr. Manuel de Abreu — Coimbra)*

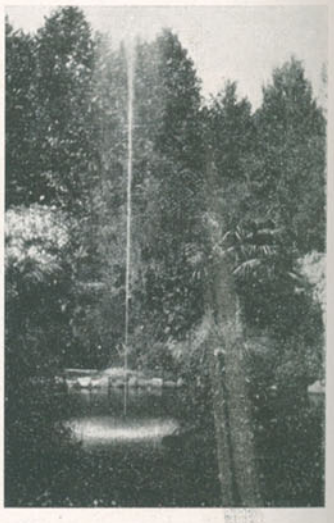
715 — Coes — *(Foto do sr. M. F. Martins — Lisboa)*

716 — Trouville — *(Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)*

717 — Torre da Sé — Coimbra — *(Foto do sr. Silva Teixeira — Coimbra)*

718 — Fiando — *(Foto do sr. João S. da Silva Ribeiro — Guimarães)*

719 — Largando... — *(Foto do sr. José P. dos Santos Júnior — Grandola)*



720 — Vidago — *(Foto do sr. António José Tôrres de Carvalho — Vila Fernando)*

721 — Pastagem — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)*

722 — Recolha — *(Foto do sr. Adalberto Ferreira — Povoa de Varzim)*

723 — Enlévo da mãi — *(Foto do sr. dr. Jaime da Graça Mira — Messines)*

724 — O Rio Douro — *(Foto do sr. Raul Doria — Porto)*

725 — P'ra fonte... — *(Foto do sr. Adelino X. Esteves — Porto)*

726 — Uma rua — *(Foto do sr. Fernando Batalha — Lisboa)*

727 — Exposição de Paris — *(Foto do sr. Abel Pereira da Silva — Lisboa)*

728 — No «interior» — *(Foto do sr. Diamantino R. Duarte Ferreira — Loanda)*

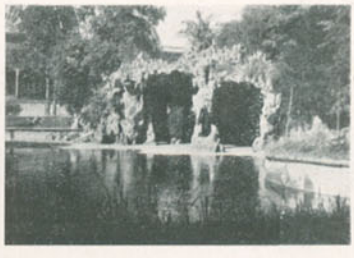
729 — Mêsa posta para o jantar — *(Foto do Sr. Cesar Costa — Chaves)*

730 — «La Forte-Gayole» — *(Foto do sr. José d'Almeida Santos — Boulogne-Mér)*

731 — Matança do porco — *(Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)*

732 — Um gato vádio — *(Foto do sr. José Ferreira dos Santos — Coimbra)*

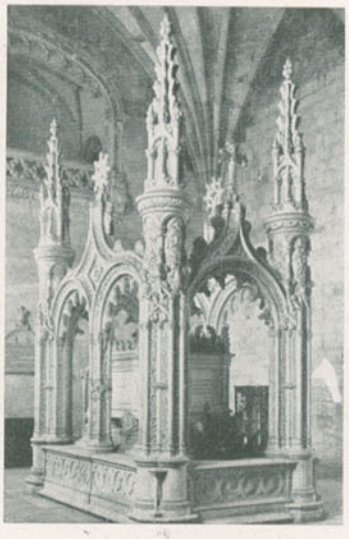
733 — Dans le port — *(Foto do sr. José d'Almeida Santos — Boulogne-Mer)*



734 — No Palácio de Cristal — *(Foto do sr. Adelino X. Esteves — Porto)*

735 — Ovelhas — *(Foto do sr. José Guerreiro Aboim — Pias)*

736 — A novidade promete... — *(Foto do sr. Idevor P. Mendonça — Borba)*



737 — Tumulo de Herculano — *(Foto do sr. Candido Ferreira dos Reis — Estoril)*

738 — Depois dum nevão — *(Foto da sr.a D. Judith de Carvalho — Lisboa)*

739 — No Palácio de Cristal — *(Foto do sr. Raul Doria — Lisboa)*

740 — O almoço... — *(Foto do sr. Antonio José Torres de Carvalho — Vila Fernando)*

741 — Nazaré — *(Foto do sr. Fernando Barros — Lisboa)*

742 — Costumes do Minho — *(Foto do sr. João S. Silva Ribeiro — Guimarães)*

743 — Patos — *(Foto do sr. João S. Silva Ribeiro — Guimarães)*

744 — COIMBRA AO LONGE — *(Foto do sr. Mario Candido Regueira — Coimbra)*

745 — MINHOTAS — *(Foto do sr. Antonio Fernandes — Moçambique)*

746 — CASTELO DE VIDE — *(Foto da sr.ª D. Alivia Marchão Santos — Castelo de Vide)*

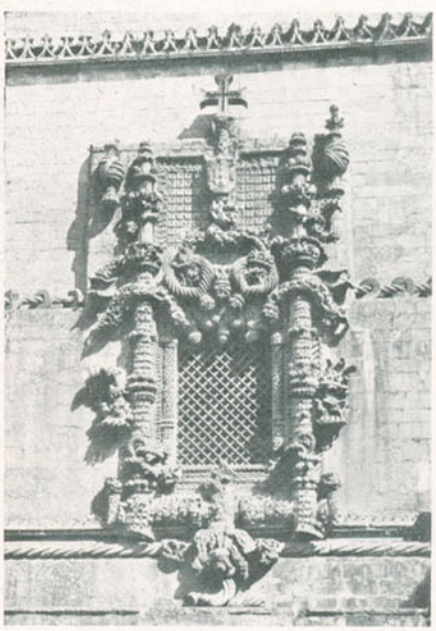
747 — PRINCIPIANDO — *(Foto do sr. Januario Nunes — Lisboa)*

748 — MAR BRAVO — NAZARÉ — *(Foto do sr. Fernando Barros — Lisboa)*

749 — CARRETEIRO — *(Foto do sr. Tancredo Dias Viana — Viana do Castelo)*

750 — LAGOA DE OBIDOS — *(Foto do sr. Diogo de Oliveira Rodrigues — Lisboa)*

751 — A CARRADA DE PALHA — *(Foto do sr. Carvalho Subtil — Lisboa)*



752 — JANELA DO CONVENTO DE CRISTO — *(Foto do sr. coronel Azevedo e Silva — Lisboa)*

753 — CARACOL DA POLANA — *(Foto do sr. Antonio Lopes Correia do Inso — Lisboa)*

754 — POENTE — FUNCHAL — *(Foto do sr. P. Fernandes — Funchal)*

755 — PEDREIRO — *(Foto do sr. Aureliano Carneiro — Viana do Castelo)*

756 — BEBE... MORENA — *(Foto do sr. Ruy Correia — Santa Comba Dão)*

757 — POR DO SOL — *(Foto do sr. Antonio Jose Torres de Carvalho — Vila Fernando)*

758 — JANTAR AOS TRABALHADORES — *(Foto do sr. Idevor P. de Mendonça — Borba)*

759 — DOIS AMIGOS... — *(Foto do sr. Henrique João da Cruz — Olhão)*

760 — VINDIMAS — *(Foto do sr. Ornelas Monteiro — Viana do Castelo)*

761 — LAVANDO — *(Foto do sr. Adelino X. Esteves — Porto)*

762 — BORDADEIRAS DA ILHA — *(Foto da sr.ª D. Maria Noemi R. de Araujo — Funchal)*

763 — ELEFANTES — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)*

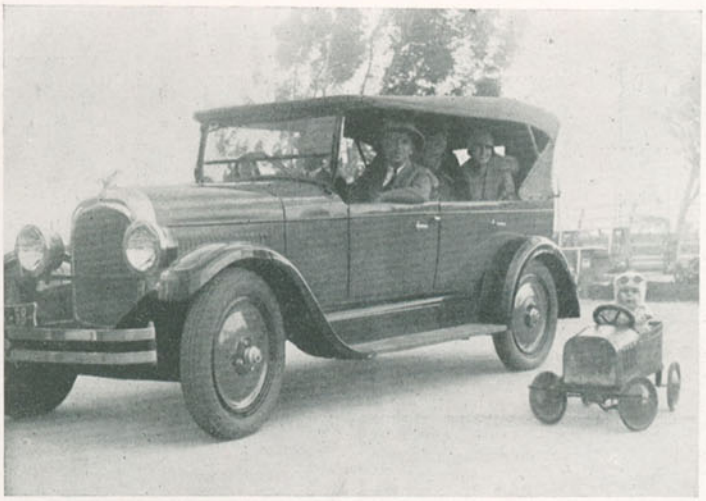
764 — A' PICOTA... — *(Foto do sr. Candido Ferreira dos Reis — Estoril)*

765 — PIEDOSA ROMAGEM — *(Foto do sr. Reis Gonçalves — Coimbra)*

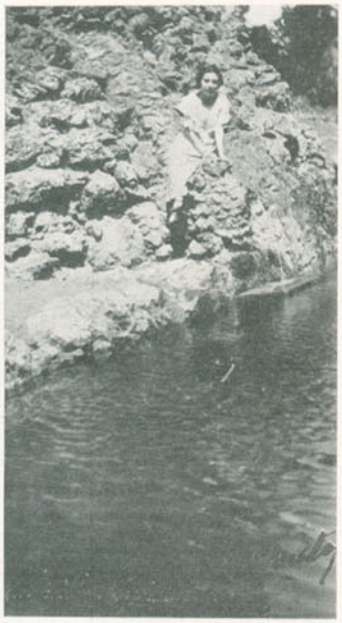
766 — LENDO — *(Foto do sr. Idevor P. de Mendonça — Borba)*

767 — NA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL — *(Foto do sr. José Vaz Travassos — Lisboa)*

768 — RUINAS — *(Foto do sr. Gil Braga — Prado)*



769 — COMPETIDORES... — *(Foto do sr. Carlos G. de A. Loureiro — Lisboa)*



770 — UMA SEREIA — *(Foto do sr. José da Costa Pinto — S. João do Estoril)*

773 — ESFINGE — ERICEIRA — *(Foto do sr. Luís da Ressurreição e Silva — Lisboa)*

771 — CAMPO — *(Foto do sr. Mário dos Reis Matos — Guarda)*

772 — ARVORES — *(Foto do sr. José de Serpa Brandão — Lisboa)*

774 — A CAMINHO DA EIRA — *(Foto do sr. Antonio José T. de Carvalho — Vila Fernando)*

775 — INAUGURAÇÃO DA LUZ ELECTRICA — *(Foto do sr. Gil Braga — Prado)*

776 — MÚSICA NO SERTÃO — *(Foto do sr. Diamantino Ruy Duarte Ferreira — Luanda)*

777—O Minho em Africa—*(Foto do sr. Antonio Fernandes—Moçambique)*

778—Final da feira—*(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz—Porto)*

779—Pôr do sol—Louzã—*(Foto do sr. José de Serpa Brandão—Lisboa)*

780—Neve na serra—*(Foto do sr. Antero Baldaia—Oliveira de Azemeis)*

781 — Rio Vizela *(Foto do sr. Carlos Nunes — Lisboa)*

782 — Pastando — *(Foto do sr. A. Fernandes Ramalho — Coimbra)*

783 — Ponte de Cerva — *(Foto do sr. Henrique M. F. de Miranda Botelho — Vila Pouca de Aguiar)*

784 — Açude — *(Foto do sr. Henrique M. F. de Miranda Botelho — Vila Pouca de Aguiar)*

785 — Vendedeiras — *(Foto do sr. Manuel Alves Sereno — Coimbra)*

786 — Mascarados — *(Foto do sr. Júlio Calheiros Mendes de Abreu — Ceia)*

787 — Maninhos — *(Foto do sr. Bernardo Dias — Viana do Castelo)*

788 — Corações moços — *(Foto do sr. Antonio José T. de Carvalho—Vila Fernando)*

789 — Prontos para um «rallye» — *(Foto do sr. Domingos Machado Pereira—Lisboa)*

Encerra-se no proximo número a reproducção das últimas provas fotográficas, admitidas ao nosso Concurso Fotográfico entre Amadores, cujas condições foram publicadas, especialmente, na «Ilustração», de 1 de janeiro do corrente ano.

Depois de apurados os nomes dos contemplados com os Prémios da Sorte, sorteio que é feito pela Loteria do Natal, serão apreciadas as fotografias publicadas, por um jury que vai ser constituido.

790 — Concertando a rêde—*(Foto do sr. Henriques Pinto — Porto*

VIDA FEMININA

NUMAS *interessantíssimas reportagens para "Le Journal„ Myriam Harry a distinta escritora, pinta-nos em pequenas crónicas, que parecem aguarelas, a vida da mulher de hoje, no Oriente, no Egipto e na Síria.*

Profundamente interessantes essas crónicas, nota-se no entanto a lastima, que sente a mulher, que lutou e trabalhou, ao ver desaparecer o pitoresco da vida feminina oriental, e a duvida que no seu espírito se levanta sobre a felicidade da mulher de hoje, libertada de preconceitos e livre de circular como a mulher europeia, mas tendo de suportar nos seus frageis hombros, as responsabilidades, que os direitos trazem consigo.

Para a distinta jornalista a mulher no "harem„ era mais feliz do que é hoje a mulher oriental, sempre um pouco infantil de espírito, e pouco habituada a deliberar e a tomar resoluções. Uma ou outra de espírito rebelde e de alma resoluta, sente-se à sua vontade no meio de hoje. Em geral, mulheres que estiveram na Europa ou na America e que se impregnaram de modernismo.

Na generalidade a mulher oriental sente a nostálgia da irresponsabilidade. No entanto há figuras de destaque no meio feminino do Egipto, como essa interessante figura de Madame Charoui Pacha, a percursora do feminismo egipcio, mulher de um grande talento, filha de um grande Emir, neta dum sultão, a sua educação não era cuidada como em geral não o era a da mulher do seu país. Aos treze anos casaram-na com Charoui Pacha um homem de grande cultura e de vasta inteligência. Sua mulher sentiu-se envergonhada junto dêle. Pediu-lhe professoras e uma separação temporaria, aprendeu linguas, devorou a biblioteca europeia de seu avô, e voltou para junto do marido, mais encantadora do que nunca e com a sedução de um espírito cultivado. O Pacha renunciou ao "harem„ e quando foi nomeado embaixador em Washington conseguiu licença do sultão, para levar o seu "harem„ a mulher e os filhos. Era uma coisa dificil, uma mulher do "islam„ sair do seu país, mas as grandes influências que dispunham fizeram-nos vencer. Na America e depois em Nice onde estiveram, viveram uma vida felicissima, de uma familia unida Mais desenvolveu o seu espírito a mulher do Pacha. Em Washington, onde pensavam as egipcias negras, a sua beleza triunfou e quando voltou para o Egipto ela começou a lutar pela libertação da mulher do seu país. Não podir suportar a vida separada do marido confinada no "harem„ emquanto êle vivia no "selamkieh„. Ao ficar viuva dedicou-se à felicidade das outras. Conseguiu a libertação da mulher, criou a Casa da Mulher a Liga Feminista e hoje no Egipto já há professoras, já as mulheres saem sós com ou sem véu, e, já vivem a vida europeia. A inteligência de uma mulher triunfou de seculos e seculos de tradição. Mas serão as mulheres hoje mais felizes? Isso é um misterio, que Myriam Harry não conseguiu apurar. Umas sentem-se mais felizes com a liberdade outras lamentam o "harem„. Há e há de haver sempre descontentes, mas basta a faculdade da inteligência feminina, quando exista se poder expandir, para que o progresso seja preferido em detrimento do pitoresco. E não era justo que se estiolassem inteligências para que a massa indolente seja feliz. A inteligência é um dom divino que não tem sexo. É justo que a mulher egipcia possa cultivar e desenvolver a sua inteligência.

Maria de Eça

Modas

A moda decretou, para os vestidos de noite, um novo tecido. É-se novo tecido é o setim «ciré», de uma grande flexibilidade, o extraordinário brilho que tem, dá-lhe um lindo aspecto de riqueza.

Damos hoje um modêlo de vestido em setim «ciré» preto, e, por êsse modêlo, podem as nossas leitoras ver o lindo efeito que produz o novo tecido nas «toilettes» de baile. Êste vestido tem a nota moderna. Depois dos vestidos, que deixavam as costas completamente nuas, vem os vestidos com as costas subidas até ao pescoço, decotadas só na frente. É uma inovação

que agradará sem dúvida às senhoras que não possuem bonitas costas; mas que naturalmente desconsolará aquelas, que tenham, à noite, ocasião de mostrar umas belas costas, mas como a moda é eclética podem essas senhoras continuar a usar os grandes decotes. As peles são nesta época uma outra preocupação das senhoras. Leudis Oxford Street está êste ano lançando as peles claras. Damos hoje dois modêlos: um para a noite, é uma graciosa capinha em arminho branco, que poderá também ser executada em «rasé», de grande elegância e muito cómoda, porque se pode conservar nos ombros, mesmo na sala; o outro modêlo é em gazela «rasée» muito «chic», tem a moda dêste ano no corte das mangas e da gola. Naturalmente que qualquer dêstes abafos não é recomendavel para as senhoras baixas e fortes, para essas é sempre preferível o uso das peles escuras, porque os abafos em pele engrossam sempre um pouco o que não é recomendavel, mas sendo claras acentuam ainda mais essa tendência, que não é apreciada por nenhuma senhora.

Damos também um modêlo de vestido «tailleur», para passeio, ou para desporto. Êsses vestidos, são hoje em dia, indispensáveis, no guarda-vestidos de uma senhora muito elegante porque não há nada menos «chic» do que ver uma senhora a fazer compras ou numa festa desportiva, em grande «toilette». O modêlo que apresentamos é muito gracioso. Em fazenda diagonal em quadrados cinzento e branco, completa-o uma graciosa «toque» no mesmo tecido, que é de um delicioso efeito. O conjunto, que reüne a simplicidade ao mais requintado bom gôsto, agradará decerto às senhoras, que sabendo vestir bem escolhem acertadamente a «toilette» segundo a ocasião, estando assim sempre «chics» e mostrando um gôsto seguro e perfeito.

Feminismo

MADAME Mariana Mainich, é uma senhora conhecidíssima nos meios intelectuais de Viena de Austria. É a pioneira do feminismo austríaco Mulher muito interessante, ela não é combativa, nem agressiva como muito das suas colegas. Procura sempre lêr a colaboração masculina. «Nós temos a necessidade do concurso dos homens» – diz – e, êles tem necessidade do nosso. Devemos procurar trabalhar de acôrdo. tanto para a emancipação da mulher, como para outros apostolados. A influência de Ma-

dame Mainich, faz-se sentir em vários domínios da actividade social: educação popular, preparação profissional da mulher, clubes femininos, etc. É presidente honorária da Cruz Vermelha, e dedicou-se às obras que se ocupam das vítimas da guerra e das mães pobres que trabalham. Esta sua actividade é tanto mais admirável pelo facto desta senhora ter já 90 anos, que não a impedem de ter uma mentalidade aberta às ideias novas, e, uma extraordinária resistência física.

Higiene e Beleza

UM dos tormentos da mulher é a cabeleira e um dos seus maiores inimigos a seborreia. Essa doença começa por mostrar os cabelos engordurados às vezes acompanhada de uma caspa gordurenta, em pouco tempo começam os cabelos a cair.

O remédio é lavar a cabeça de oito em oito dias, com sabão panamá. na última água deitar uma colher de sublimado na preparação de um por mil. De manhã e à noite esfregar o couro cabeludo com a seguinte loção: Alcool a 90.°, 100 gramas; Acido pirogálico, 8 gramas; Enxofre pre ipitado, 10 gramas. Aplica-se com um pincel ou com uma boneca de algodão hidrófilo.

Ao fim de oito dias pára-se com êsse tratatamento e aplica-se a seguinte loção: Formol, 1 grama; Tintura de quilaia, 25 gramas; Tintura de jaborandi, 25 gramas; Alcoolato de alfazema, 25 gramas; Alcool a 95.°, 200 gramas.

Se o couro cabeludo continua muito engordurado junte-se-lhe 2 gramas de amoníaco. Em pouco tempo o cabelo deixa de cair e fica bonito.

Saber envelhecer

EIS uma das coisas mais difíceis para a mulher, sobretudo para a mulher de hoje. Antigamente havia senhoras de idade, avósinhas. Agora não, e, a sociedade perde assim um elemento, um vínculo que a ligava às gerações passadas. Num seu livro Marcel Prevost, diz: «as jovens de sessenta anos». No entanto não se descobriu ainda a fonte da juventude perene, e, a natureza continua a enrugar as faces e a branquear os cabelos. Mas dantes envelhecer era uma arte, hoje, é uma desgraça. Nada mais enternecedor e mais interessante do que uma linda velha, cheia de bondade e de ternura, indulgente para as novas, que a todos faz pensar em sua mãe, com uma conversa delicada e instrutiva. Agora há poucas senhoras assim. Quando chega a idade das rugas e dos cabelos brancos, a mulher começa uma luta feroz pela juventude. As maçagens e as pinturas são sem conta, a alma e o coração tornam-se azedos e começa uma vida de tortura. O rancor e a inveja contra as mulheres novas, são violentas. Tôda a mulher que se diz ser bonita é

uma inimiga. Acha tôdas ignorantes, duvida das méritas das raparigas, torna a sua vida e a dos outros um inferno. E não deve ser assim, Devem evitar-se os primeiros cabelos brancos com resignação e sem deixar a «coquetterie» que deve acompanhar a mulher até ao fim da vida, procurar um vestuário que não desdiga da idade, saber conviver com as novas e aceitar a vida moderna com azedume. Compreender que os tempos mudaram e que nada há mais ridículo do que uma mulher que não é nova e quer rivalisar com as raparigas. É preciso que sabendo envelhecer, saibamos tornar a vida alegre e feliz, para nós e para as novas que nos rodeiam. A mulher tem de aprender novamente a saber envelhecer, para que, voltemos a ter as lindas e encantadoras avósinhas de dantes. Resignar-se a envelhecer é uma prova de superioridade.

Crianças

AS «toilettes» das crianças pouco variam de uma estação para a outra. Apenas no inverno, os casacos de abafo dão a nota do agasalho. Mas as mães cuidadosas, gostam sempre de ter novos modêlos para enfeitar as suas filhilhas. Damos hoje um vestido de menina, para trazer por casa ou levar ao colégio. Em malha de lã azul claro, é de uma grande comodidade.

O modêlo tem as mangas curtas, como quási tôdas os das crianças, que habitam paises onde as casas são aquecidas, e onde se olha muito a não tolher os movimentos às crianças. Entre nós, onde a maioria das casas não são aquecidas é preferível executar o vestido com mangas compridas, porque ficará mais confortável e mais adequado à estação em que entramos.

Os pássaros e a hora

HÁ quem afirme que os pássaros conhecem a hora, mas o que é mais é o que afirma uma intelegente médica de Paris, e, é que êles estão ao facto das mudanças da hora que fazemos. Esta senhora costuma ir todos os dias ao meio dia e meia hora, ao jardim das Tulherias, dar de comer aos pássaros. Êste ano quando entrou em vigor a hora legal de verão, com a diferença de uma hora sôbre o dia antecedente, ela distraidamente chegou ao meio dia e meia hora, isto é às onze e meia. Com grande admiração sua, encontrou os passarinhos todos reünidos, ao completo, no sítio onde costumavam esperá-la. Ela sustenta com convicção que os pássaros de Paris, estavam ao corrente da mudança da hora de verão e que se tinham por ela regulado.

Tanto mais que passando às vezes por ali às onze e meia, êles não costumavam aparecer antes do meio dia e meia hora.

Os últimos amores de Franklin

QUANDO Franklin chegou a Nassy tinha sessenta e nove anos e ali ficou até 1785. Aí readquiriu a saúde, e, rodeado como estava de afectos femininos, conheceu a doçura e o prazer de viver. As maiores senhoras o mimavam e chamavam-lhe papa. Mas entre essas houve as prediletas que lhe inspiraram um profundo sentimento. Uma dessas foi M.elle de Nassy, filha do conde de Boulainvilliers. Quando a jovem casou com o conde de Tonerre disseram a Franklin: «Com os seus para-raios não conseguiu que o Tonerre (trovoão) se não apoderasse da menina de Nassy». Depois foi M.me Helvetius, ruina do célebre financeiro, a qual na sua mocidade foi amada por Turgot. Refugiou-se em Auteil depois da morte do marido rodeada, por desasete cães, dez gatos, pássaros, filósofos e abades. Franklin apaixonou-se por ela e fez-lhe uma declaração de amor. M.me Helvetius pediu conselho a Turgot, que lhe disse ser um belo casamento entre um apaixonado de oitenta anos e uma noiva de sessenta e cinco. «De resto faça como quizer, mas o seu salão desaparece». Êste argumento decidiu a senhora a recusar a oferta chegada muito tarde.

De mulher para mulher

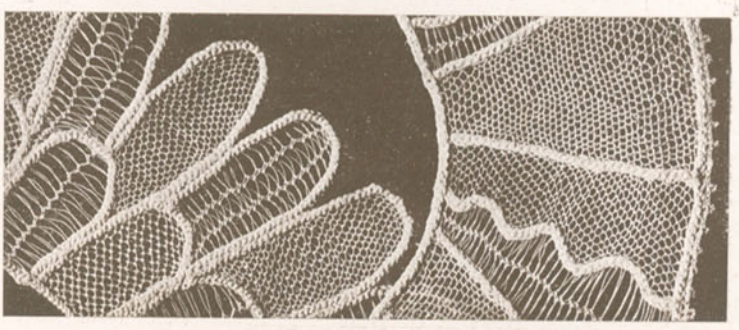
Mimosa: Naturalmente, que hoje em dia, para que uma mulher seja interessante na sua convivência e conversa, tem de ler muito. O que é preciso é fazer uma escolha acertada de livros. A leitura de romances sentimentais não é o bastante. Leia livros de bons autores instrutivos e interessantes.

Rosa Silvestre: É melhor dar um chá, é menos maçador do que um jantar. Há quem continue a servir o chá na sala de jantar e há quem o sirva na sala, em pequenas mesas.

Depende do pessoal que tiver. Na sala de jantar é escusado o serviço de criadas. Na sala é necessário que venham pôr e tirar as mesas, trazer tudo enfim.

Trabalhos Femininos

VOLTAM os serões de inverno e, com êles longas horas, que poderão ser aproveitadas em trabalhos delicados, mas uteis, que embelezam a casa ou as nossas pessoas. Damos o modêlo de duas golinhas de renda, que adornam e dão frescura aos vestidos, e são facílimas de fazer. Faz-se uma porção de metros de cordão de lã branca ao «crochet». Depois faz-se o desenho da gola pelo sistema da renda inglesa. Cose-se o cordão e com uma boa linha brilhante, fazendo-se, à agulha, as pontas que o predem e que pelo desenho verão que são facílimas. O que é preciso é muita perfeição na maneira de as fazer, porque nêstes trabalhos a perfeição é imprescindível. Damos juntamente a gravura das golas feitas e aplicadas, para as nossas leitoras verem a graça e utilidade dêste tão simples trabalho.



Maximas de economia elegante

QUANDO se veste um vestido modesto, deve pôr-se um chapeu atrevido. Com um chapéu modesto, um vestido original. Nunca um vestido e um chapéu modestos.

Não sendo baixa e que o busto seja um pouco comprido deve usar-se sôbre os vestidos um bolero, o que agora é muito elegante, e encurta o busto consideràvelmente.

Ao comprar uma carteira é preciso pensar no que se lhe quer meter dentro. Há carteiras lindas quando vasias, mas que perdem o feitio se lhes põem dentro mais do que o lenço, a bolsa, e a borla do pó de arroz. Se querem usar mais coisas escolham carteira adequada.

Não desprezar os acessórios de «toilette». Luvas boas e limpas, juntam cinqüenta por cento à «toilette». Um bonito vestido com luvas sujas ou velhas parece logo uma «toilette» usada e sem graça.

Receitas de cozinha

PACIÊNCIAS:

CLARAS de ovos, 125 gramas; assucar pilé, 300 grams; Farinha de trigo, 200 gramas, Raspa de limão.

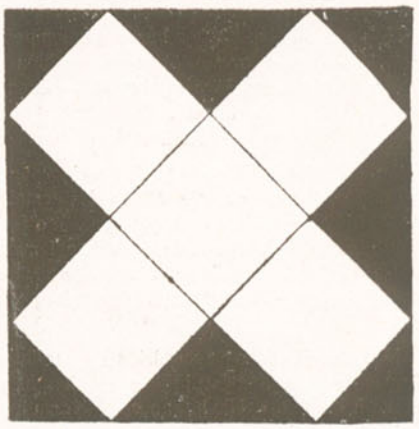
Batem-se as claras numa caçarola pequena, em ponto de neve, junta-se-lhe o assucar e a raspa de limão, e, quando está bem misturado deita-se a farinha que deve ficar muito bem desfeita e misturada.

Assim que está uma pasta bem unida, deita-se num cartucho de papel com um pequeno orifício do diâmetro de dois centímetros, numa tábua

azeitada, procede se à formação das paciências que consiste em ir apertando o cartucho entre as mãos, para que pelo orifício, vá saindo a pasta, distribuindo às gôtas sôbre a tábua com ligeireza, formando cada gôta uma paciência. Depois deixam-se pelo espaço de 5 horas na estufa para que formem crosta e depois vão ao forno meio forte, para coser e adquirir uma linda côr doirada. São esplêndidos para o chá.

FIM DE FESTA

OS SETE QUADRADOS



Êste quadro preto encerra, ao que parece, cinco quadrados iguais entre si, e dizemos ao que parece, porque na realidade os quadrados não são cinco, porém sete, embora à simples vista não se percebam mais que cinco.

Os solucionistas devem procurar êsses dois quadrados ocultos. Como? Recortando o quadro preto e dobrando-o de certo modo. Se as dobras se fizerem devidamente, aparecerão dois quadrados mais, de tamanho igual aos dos cinco que na figura estão à vista.

UMA LENDA

Numa localidade dos Vosges (França) faleceu o mês passado um famoso apicultor de mais de oitenta anos de idade, e os seus netos, observando antiquùíssima tradição, foram bater três leves pancadas em cada cortiço, dizendo:

«Abelhinhas, abelhinhas, morreu o vosso dono. Agora, trabalhareis para o senhor F. que de vós cuidará com o mesmo zêlo e carinho». Se não tomar essa precaução, diz a tradição referida, as abelhas morrerão.

Numerosas lendas e observâncias cercam a vida doirada e açucarada dos cortiços. Outrora em certas províncias, não se empregavam os verbos «comprar» e «vender» em relação às abelhas. Como os nossos devotos, quando se referem aos santos, empregava-se nessas transacções o verbo «trocar». E geralmente o preço dum enxame era um saco de trigo ou um leitão.

Antigamente, quando fugia um enxame, os apicultores perseguiam-no, batendo em latas ou caçarolas, fazendo o maior barulho possível. Hoje, qualquer se ri de tal costume que, no entanto, tem a sua justificação: os religiosos, criadores de abelhas, desde que algum enxame fugisse, mandavam tocar com toda a força os sinos do mosteiro, porque a abelha-mestra tem as azas tão sensíveis que a vibração determinada no ar por aqueles sons metálicos bastava para a impressionar e logo a fazer pousar, e com ela o enxame inteiro.

ANEDOCTAS

Entre noivos:

Êle: — Já pedi, pelo telefone, o consentimento de teu pai.

Ela: — E êle que respondeu?

Êle: — Disse-me: «Não sei quem o senhor seja; mas consinto, consinto.»

* * *

Diálogo matrimonial:

— Muito bonita estás, Filomena, com êsse vestido; mas olha que me custou um dinheirão!

— Querido Henrique! Que me importa a mim o dinheiro, quando se trata de te agradar?...

* * *

Razão suficiente:

— Tenho muitos motivos para não compar o cavalo. O primeiro é não ter o dinheiro suficiente; o segundo...

— Basta, basta; é escusado mencionar os outros, interrompeu o vendedor.

* * *

— Ouvi dizer que a tua sogra foi atacada de paralisia facial. O que motivou isso?

— Foi fotografar-se, e procurou vêr se conseguia arranjar uma fisionomia agradável.

* * *

A mulher do romancista: — Como podes escrever um romance marítimo, quando há tantos anos tu não vês o mar?

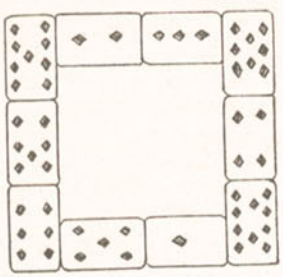
O romancista: — Também sou casado há vinte anos, e contudo ainda podia escrever um romance de amor.

* * *

A modista: — Minha senhora, é impossível conseguir algum dinheiro de seu marido!

A freguesa: — Então pensa que a mim me não acontece o mesmo?

O CAIXILHO DAS CARTAS



A gravura por si explica. Os pontos, desta vez, somam 22, em cada lado do caixilho.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

BILHETES A PREÇOS REDUZIDOS

A C. P. resolveu organizar um serviço especial de bilhetes de ida e volta com a redução de 50 %, de todas as estações das suas rêdes, por ocasião do encerramento da Exposição Industrial Portuguesa.

Os bilhetes terão validade de 1 a 5 de Dezembro próximo, sendo a VOLTA válida até ao dia 6 do mesmo mês.

CU UMA COUSA OU OUTRA

O velhote (andando a percorrer a casa do artista, seu amigo):

— A minha vista cada vez está pior. O que vem a ser isto? É um bom quadro ou é alguma das tuas pinturas?

SOLUÇÕES

XADREZ

Coloquem dois peões no centro do taboleiro; um na casa 4 da rainha e outro na casa 5 do rei. Ficam ocupando, portanto, as duas casas centraes, da diagonal que vae do canto baixo esquerdo ao canto alto direito. Feito isto, vejam quantos mais peões podem distribuir pelo taboleiro, por forma que nunca haja três, na mesma recta, em qualquer direcção que seja.

BRIDGE

Bastante paradoxal: B entra na primeira vasa com oiros, respondendo A com uma carta baixa do mesmo naipe. D joga paus, B faz o Rei e deita copas, que A corta, transpondo em seguida. B faz a vasa e desfaz-se do seu último triunfo, deitando A uma carta baixa de paus. A situação é então esta: B Rei de copas, copas pequenas, oiros pequenos, 10 de paus; C Valete de oiros, 10 de oiros, Dama de paus, Valete de paus; A Rei de oiros, 2 de oiros, Az de paus, 8 de paus; D Dama de copas, 10 de copas, 9 de paus, 6 de paus. Agora B joga o Rei de copas e C é forçado a baldar-se.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I		C	A	P	I	T	O	L	I	O	
II	C		R	A	B	A	N	O	S		C
III	A	C		L	I	B	R	A		C	A
IV	M	A	L		S	O	A		C	A	M
V	A	M	A	R		A		R	I	R	I
VI	R	A	M	O	S		V	A	T	E	S
VII	O	R	A	L		T		S	A	C	O
VIII	T	A	S		T	I	C		S	A	L
IX	E	S		V	A	M	O	S		S	A
X	S		M	A	R	O	T	O	S		S
XI		C	O	L	A	R	I	N	H	O	

PENSAMENTO

O arrependimento é a marca dolorosa, que o passado deixa em nós, daquilo que podia ter sido o que não foi.

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através dêste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher». —**Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado
10$00
Encadernado **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

N.º 1 — **Português** — 860 págs.
N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
N.os 2 e 3 juntos — **Francês-português** e **Português-francês.**
N.os 4 e 5 juntos — **Inglês-português** e **Português-inglês.**
N.os 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15$00**
Os dois dicionários juntos, enc..... **28$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

BIBLIA DA VIDA

Tesoiro do pensamento humano

COLLECÇÃO DE 10.000 MÁXIMAS, PENSAMENTOS E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Por **Morais Leal**

446 assuntos — 1361 autores — Por ordem alfabética

Este livro, que se apresenta despido de pretensões, procura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literário, era há muito sentida.

Em tôdas as línguas cultas existem obras similares, e o apreço em que o público as tem, pode avaliar-se fàcilmente pelo número das edições, que ràpidamente se exgotam, dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poderíamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso, que figuram nos catálogos das melhores livrarias estrangeiras, se o nosso intuito fôsse reforçar, por uma curiosa e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros de maior expansão literária.

Na BÍBLIA DA VIDA, a selecção dos pensamentos, máximas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e modernos foi feita com o maior escrúpulo, observando-se nela o conselho de Thomereau: *o pensamento de três linhas, que não deixar no espírito a impressão de que poderia consagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão, julgamo-la também interessantíssima para os que apreciam as bôas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos eruditos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o espírito da mulher.

Com êste livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PÁGS. ELEGANTEMENTE ENC. 17$00; BR. 12$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS

DESENHOS ESCOLHIDOS
POR
MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes illustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e côres sobre papel couché.

Cart. 40$00; br. . . . . 30$00

PEDIDOS À
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

À VENDA EM TODAS AS BOAS LIVRARIAS

a 7.ª edição, revista

O último olhar de Jesus

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 375 págs., brochado . . . **12$oo**
Encadernado . . . . . **16$oo**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 pags., ilustrado, encadernado, 17$00; brochado, 12$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

À venda a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais notaveis livros da literatura romantica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . **1o$oo**
encadernado . **14$oo**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saíu a nova edição

C A R T A S

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado . . . . . **20$00**
Encadernado. . . . . **28$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR

VOLUME BROCHADO **Esc. 7$00**

P. B.

VOLUME ENCADERNADO **Esc. 12$00**

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas sòmente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico suggestivo interêsse, offerecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da vida. Em volta dum testamento. Pequena rainha. Dívida de honra. Casa de Família. Entre espinhos e Flôres. A estátua velada. O grito da consciência. Romance de uma herdeira. Pedras vivas. A pupila do Coronel. O segredo de um berço.

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Formidável exito livreiro!

A novela anti-clerical

A Amante do Cardeal

por BENITO MUSSOLINI

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO DO LATRÃO — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, R. Garrett, 75 — LISBOA

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.139 paginas

Brochado. . . . . 30$00
Encadernado . . . . . 42$00

Pedidos á ***LIVRARIA BERTRAND***
73 Rua Garrett, 75 — Lisboa

SE QUERES VIVER, DESPERTA E LUTA!

ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO
POR
ELLICK MORN

1 VOLUME DE 268 PAGINAS, BROCHADO, **10$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — Lisboa

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR
ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado. . . . . 10$00
encadernado . . . . . 14$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O genial romance da guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante **a Grande Guerra no Mar**

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Antologia Portuguesa

Verdadeiro tesouro da língua portuguesa, esta colecção destina-se a tornar fàcilmente conhecidos os melhores prosadores e poetas portugueses, antigos, modernos e contemporâneos

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo
Dr. Agostinho de Campos

Volumes já publicados:

Afonso Lopes Vieira *(1 vol.)*
Alexandre Herculano *(1 vol.)*
Antero de Figueiredo *(1 vol.)*
Augusto Gil *(1 vol.)*
Camões lírico *(4 vols.)*
Eça de Queirós *(2 vols.)*
Fernão Lopes *(3 vols.)*
Frei Luís de Sousa *(1 vol.)*
Guerra Junqueiro *(1 vol.)*
João de Barros *(1 vol.)*
Lucena *(2 vols.)*
Manuel Bernardes *(2 vols.)*
Paladinos da linguagem *(3 vols.)*
Trancoso *(1 vol.)*

Estes volumes são do formato de 12×19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado. . . . . 12$00
Cada volume encadernado. . . . 16$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.
O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saüdada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da visinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reünir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cêrca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reünidos pelo sr. *Dr. Cândido de Figueiredo* no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge *119.613 vocábulos ou artigos.*

2 grossos vol. sòlidamente enc. em carneira 250$00

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado . . . . . 10$00
Encadernado luxuosamente . . . . . 18$00

34.º — ANO — 1933

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

História Universal

do grande historiador alemão

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e seguidamente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que nêste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres. com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, *hors-textes* em papel *couché*, in-4.º — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume

Já publicados

109 tomos — 19 volumes

Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se, a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

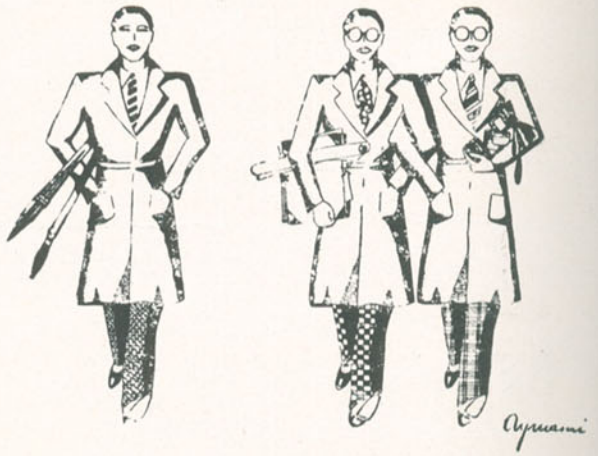
A terminar brevemente a publicação.

Cada volume, encadernado	65$00
Cada tomo, brochado	8$00
Encadernação por cada volume	25$00
Capas para a encadernação	15$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos *para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata*

1 volume de 300 páginas, brochado . . . . 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se êste manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automovéis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas, encadernado em percalina

Escudos . . . . . 25$00

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.... 15$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... ... ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br.... ... ... 9$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br... ... ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13$00; br.... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... ... ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. 9$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br.... ... ... 10$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br.... ... ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br.... ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... ... 3$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.... ... ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.... ... ... 2$00
REI LEAR — 2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br... ... 9$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Um alimento ideal

Flora Le Breton

Eu tenho o maior prazer em recomendar a Ovomaltine a todos os meus amigos, especialmente aos que trabalham. Quando volto dos studios muito cançada, tomo uma grande chávena desta excelente preparação e eu sinto que tive uma bôa refeição. Para nervos cançados ela é muito apreciavel e tomada como ultima refeição á noite, dá-nos um sôno profundo e reparadôr.

Este testemunho de Miss Flora Le Breton é mais um tributo aos grandes méritos da Ovomaltine como restauradôr da fadiga e dos nervos, preparando-nos para um sôno profundo e réparadôr e dando ao organismo a força necessária para resistir ao trabalho extenuante ou ao cansaço imposto por longas e trabalhosas horas.

Ovomaltine reconstitui e revigora o organismo duma maneira que nada se assemelha. Não contem nem drogas nem produtos quimicos, pois é a concentração dos melhores alimentos da Natureza — malte, leite e ovos — de gôsto delicioso facil e completamente digerivel. Uma chávena de Ovomaltine tem mais alimento que 3 ovos ou 12 chávenas de caldo de carne.

OVOMALTINE

É A SAUDE

À venda nas farmacias, drogarias e boas mercearias
Em latas de 110, 250 e 500 gramas

DR. WANDER S. A. BERNE
Unicos concessionarios para Portugal
Alves & C.ª (Irmãos)
R. dos Correeiros, 41, 2.º
LISBOA

P444